



Lígia Hamada
MÃE, AGORA EU TAMBÉM SOU...
Estudo qualitativo sobre o impacto da maternidade de mulheres
primíparas na qualidade da díade mãe-filha

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO
Mestrado em Temas em Psicologia
2014

MÃE, AGORA EU TAMBÉM SOU...

Estudo qualitativo sobre o impacto da maternidade de mulheres primíparas na qualidade da díade mãe-filha

Lígia Hamada

Tese apresentada por Lígia Roberta dos Santos Hamada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto (FPCEUP), para obtenção do grau de Mestre em Psicologia, na área de especialização de Psicologia da Família, sob a orientação da Professora Doutora Inês Maria Guimarães Nascimento.

Resumo

Este estudo foca-se no impacto da maternidade na relação mãe-filha em mulheres primíparas, e visa promover o debate na comunidade científica nacional e internacional, sobre a relevância do investimento na qualidade desta relação visando uma rede parental de apoio. Para tanto foram realizadas entrevistas semi-estruturadas a uma amostra de cinco díades de mulheres biologicamente relacionadas, sendo cinco mulheres da primeira geração e cinco mulheres da segunda geração, totalizando dez entrevistas. Das análises de conteúdo realizadas, pode-se concluir que a vivência da maternidade se reflete na relação mãe-filha, com a maternidade a aparecer como um momento de “resignificação” das experiências vividas ao longo da vida, nomeadamente no aspeto afetivo. As dinâmicas relacionais entre mãe e filha sofrem apenas ligeiras alterações com a chegada da 3.^a geração. Os valores e as práticas educativas surgem como um fator significativo, associado à transmissão intergeracional, havendo padrões de continuidade e de descontinuidade. As evidências resultantes desta pesquisa corroboram as conclusões dos estudos presentes na literatura da especialidade.

Palavras-chave: transmissão intergeracional; relação mãe-filha; maternidade.

Abstract

This study's main objective is to understand the impact of maternity in the mother-daughter relationship in primiparous women, as well as encouraging debate on national and international scientific community, about the importance of investment in the quality of this relationship towards a parental support network. To achieve this, semi-structured interviews were conducted with a sample of five pairs of women, five of the first generation and five of the second generation, with a total of ten interviews. It is possible to conclude from the interviews content analysis, that motherhood is not experienced without consequences to the mother-daughter relationship, with motherhood appearing as a moment of "resignification" of the experiences lived through life, particularly in the affective issue. The relational dynamics between mother and daughter change with third generation arrival. Values and educational practices emerge as a significant factor associated with intergenerational transmission, with patterns of both continuity and discontinuity. The evidence from this research corroborate the substance of the specialized literature.

Keywords: intergenerational transmission; mother-daughter; motherhood.

Résumé

Cette étude vise à comprendre l'impact de la maternité sur la relation mère-fille chez les primipares, ainsi que d'encourager le débat sur la communauté scientifique nationale et internationale, sur l'importance de l'investissement dans la qualité de cette relation pour un réseau de soutien parental. Pour les deux semi-structurées auprès d'un échantillon de cinq paires de femmes entrevues ont été réalisées, cinq femmes de la 1ère génération et 2ème génération de cinq femmes, total de dix entrevues. L'analyse de contenu réalisée, nous pouvons conclure que la maternité n'est pas vécue sans réfléchir sur la relation mère-fille, la maternité à apparaître comme un moment de "recadrage" d'expériences tout au long de la vie, en particulier dans la question affective. Les dynamiques relationnelles entre la mère et la fille ne souffrent que de légers changements avec l'arrivée de la 3e génération. Les valeurs et les pratiques éducatives apparaissent comme un facteur important associé à la transmission intergénérationnelle, avec des motifs de continuité et de discontinuité. L'évidence de cette recherche corroborent le contenu des études présentes dans la littérature spécialisée.

Mots-clés: la transmission intergénérationnelle; relation mère-fille; maternité.

Agradecimentos

Deixo aqui um agradecimento especial a todas as mulheres que, sensivelmente, compartilharam suas vivências e tornaram este estudo possível.

Agradeço também à Doutora Inês Nascimento, à Doutora Raquel Barbosa, ao Doutor Pedro Ferreira e à Doutora Cristina Rocha.

Igualmente, agradeço à minha família, à Clara, ao João Daniel, ao senhor Fernando Veloso, à Esmeralda Miguel e à minha amiga Ana Raquel.

A todos, muito obrigada!

Índice geral

Introdução	1
PARTE I.....	
ENQUADRAMENTO CONTEXTUAL E CONCEPTUAL	
CAPÍTULO I	
PANORAMA SOCIO-HISTÓRICO E DEMOGRÁFICO.....	
1. Panorama socio-histórico	3
1.1 <i>Ser mulher.....</i>	3
1.2 <i>Ser mãe</i>	4
1.3 <i>Ser avó</i>	7
2. Panorama demográfico	8
CAPÍTULO II.....	
ASPECTOS INTRAPSIQUÍCOS E DINÂMICAS RELACIONAIS	
1. Considerações prévias.....	10
2. Aspectos particulares da vivência psicológica	10
2.1 <i>Na maternidade.....</i>	10
2.2 <i>Na avosidade</i>	14
3. Dinâmicas relacionais.....	15
PARTE II	
ESTUDO EMPÍRICO.....	
1. Introdução	19
2. Objetivos do estudo.....	19
3. Características da pesquisa	21
4. Identificação e recrutamento de participantes	21
5. Técnica e procedimentos de recolha de dados.....	23
6. Procedimento de tratamento de dados.....	25
7. Apresentação e discussão dos resultados.....	26
7.1 <i>Resultados da análise intradíade</i>	27
7.2 <i>Resultados da comparação interdíade.....</i>	39
7.3 <i>Síntese dos principais resultados</i>	44

8. Conclusões e limitações do estudo	46
Referências bibliográficas	49

Índice de tabelas

Tabela 1. Caracterização das mulheres de 1. ^a e 2. ^a geração participantes, bem como, dos elementos da 3. ^a geração (netos/filhos) indiretamente envolvidos no estudo.....	23
Tabela 2. Sistema de categorias intradíade.....	26
Tabela 3. Análise de conteúdo da 1. ^a díade.....	28
Tabela 4. Análise de conteúdo da 2. ^a díade.....	29
Tabela 5. Análise de conteúdo da 3. ^a díade.....	32
Tabela 6. Análise de conteúdo da 4. ^a díade.....	34
Tabela 7. Análise de conteúdo da 5. ^a díade.....	37

Índice de anexos

Anexo I. Termo de consentimento informado.....	57
Anexo II. Guião de entrevista semi-estruturada das mães da 1. ^a geração.....	60
Anexo III. Guião de entrevista semi-estruturada das mães da 2. ^a geração.....	63

Introdução

O relacionamento entre pais e filhos adultos ainda hoje apresenta incipientes pesquisas (Dornelas & Garcia, 2006), principalmente em alguns países como Brasil e Portugal. No entanto, frente ao aumento na expectativa de vida nesses países, torna-se cada vez mais relevante conhecer melhor essa relação.

Visto que a relação entre mãe e filha adulta se estende por toda a vida da mãe e vai sofrendo mudanças com o casamento e/ou a maternidade da filha, a velhice e/ou a enfermidade da mãe (Yoo, 2004, citado em Dornelas & Garcia, 2006), isto em particular, tem despertado o interesse da comunidade científica internacional, principalmente no que se refere à solidariedade e a ambivalência presentes na dinâmica relacional que se constitui entre a díade mãe-filha (Luscher & Pillemer, 1998; Dornelas & Garcia, 2006).

Este trabalho pode então contribuir para um melhor conhecimento acerca do impacto da experiência de maternidade na relação mãe-filha em mulheres primíparas. Para isso, procura compreender os reflexos nesta relação do momento da assunção do papel materno pela mulher de 2ª. geração. Este primeiro esforço de investigação apresentado nesta pesquisa sobre o tema supracitado, visa também fomentar o debate na comunidade científica nacional e internacionalmente, sobre a relevância do investimento na qualidade desta relação visando uma rede parental de apoio.

Assim, o trabalho está estruturado em duas partes: uma com vista a enquadrar conceptualmente a temática do estudo, e uma outra, composta pelo estudo empírico propriamente dito.

A Parte I é constituída por dois capítulos: O primeiro faz *a priori* uma caracterização do panorama socio-histórico e das mudanças mais relevantes em torno da posição social da mulher, da evolução do papel materno, e, das vicissitudes que circundam o ser avó. Assinalam-se, aí também, as mudanças demográficas mais significativas ocorridas em Portugal com destaque para a taxa de natalidade e para os novos indicadores dos níveis de esperança de vida. Já o segundo capítulo é dedicado ao enquadramento teórico e conceptual do fenómeno aqui investigado, primordialmente, no que se refere aos aspectos intrapsíquicos e às dinâmicas relacionais.

A Parte II compreende o estudo empírico realizado acerca da temática em estudo. Nesta parte do estudo estão descritos os objetivos do estudo, as características da pesquisa, as participantes da investigação, a técnica e procedimentos de recolha de dados, os procedimentos de tratamento dos dados, a apresentação e discussão dos resultados, as conclusões, as limitações do estudo e algumas sugestões para futuros estudos sobre este tema.

PARTE I

**ENQUADRAMENTO CONTEXTUAL E
CONCEPTUAL**

CAPÍTULO I
PANORAMA SOCIO-HISTÓRICO E
DEMOGRÁFICO

1. Panorama socio-histórico

Este levantamento permite visualizar as mudanças socio-históricas mais relevantes que ocorreram e que deram lugar a novas formas de família, além de contribuir para uma melhor compreensão das vicissitudes da atualidade, que cercam os processos afetivos envolvidos nos relacionamentos entre seus membros (Gutierrez, Castro & Pontes, 2011), nomeadamente, a mulher, a mãe e a avó.

1.1 Ser mulher

A posição social da mulher, durante muito tempo, esteve associada a uma natureza inferior, de submissão e dependência ao ser mais inteligente, o homem (Rousseau, 1972). Desta forma, sua natureza feminina precisaria ser domada pela sociedade e pela educação, pois somente assim poderia cumprir o seu destino, o de ser 'mãe de família' e 'rainha do lar' (Kehl, 1998).

Após o Feminismo, um movimento revolucionário, a posição da mulher sofreu significativas alterações. Ao obter: (1) o acesso à cidadania e o direito ao voto; (2) a igualdade de género; (3) o direito ao divórcio; (4) a liberdade sexual e o acesso a métodos contraceptivos; (4) a inserção ao mercado de trabalho e (5) a independência financeira; a mulher passou a ter uma certa autonomia em relação ao homem. (Kehl, 1996, 1998; Singly, 2011).

Alguns destes aspectos foram menos expressivos do que se esperava como, por exemplo, o ingresso da mulher no mercado de trabalho e a independência financeira que apenas diminuiu a desigualdade de género, uma vez que a mulher continua a desempenhar, mais ativamente, as funções domésticas de cuidados com o lar e de atenção à família, do que

o homem (Nader, 1997; Singly, 2011). Contudo, o direito ao divórcio, a liberdade sexual e o acesso a métodos contraceptivos, deu às mulheres o direito a escolhas, nomeadamente, à escolha de amar e ser amada, bem como à escolha de ser ou não ser mãe.

1.2 Ser mãe

Ao longo da história, que significados foram atribuídos a maternidade? No período da Idade Média na Europa, a maternidade era muito diferente da concebida hoje. As crianças, ao nascerem, não recebiam os cuidados da mãe biológica, pois quem exercia a função de alimentar, higienizar e educar a criança nos primeiros três ou quatro anos de idade, eram as amas-de-leite. Ariés (2011) salienta que, nesta época, a criança era totalmente desprovida de qualquer valor perante a família.

Como efeito disto, surge a alta taxa de mortalidade infantil. As amas, muitas vezes sobrecarregadas pelo enorme número de crianças para cuidarem, tornavam-se, em alguns casos, indolentes como foi o caso de Maire Bienvenue que deixou falecer trinta e uma crianças em catorze meses (Badinter, 2000).

A partir do início de século XVII, a concepção da infância é modificada pelos adultos que lhe concedem nova atenção. Mas esta atenção atribuída à criança ainda não é tão privilegiada pelo quadro familiar como na família moderna, onde a infância está posta como coração do universo familiar (Ariés, 2011; Badinter, 2000).

Na literatura, o brotar de obras apelativas para novos sentimentos por parte dos pais, e em especial, para o amor maternal, ocorre em 1762 com a publicação de *Emílio* por Rosseau. Após esta publicação todos os

pensadores da infância vão referir-se a proposição rosseriana durante, aproximadamente, dois séculos (Badinter, 2000).

Entretanto, deve-se salientar, o amor maternal seletivo por volta do século XIX. Nesta época, o homem era tido como a autoridade máxima da família, o provedor do sustento, aquele que possui valor social. Diante disto, a mãe/mulher vê-se na obrigação de gerar e amar o filho do sexo masculino: “ A mãe conserva os seus tesouros de ternura e de orgulho para o filho varão primogénito, herdeiro exclusivo do património e do título no caso de os pais serem nobres” (Badinter, 2000, p. 87-88).

Frente a isto, a mãe direciona todo o seu afeto e a sua atenção para o filho com real valor que, seguramente, nunca será uma menina, mas sim o menino mais velho. Ela conserva junto de si o filho mais velho durante a primeira infância, para amamenta-lo e ocupar-se diretamente dele. Entretanto, esta preferência maternal não é desinteressada pois a mãe vê no filho mais velho a segurança das sua felicidade e sustento na velhice, caso o marido/pai morra antes dela¹ (Badinter, 2000).

E quanto às meninas? Qual a relação da mãe com as filhas neste período? Gerar uma filha neste contexto histórico era sinónimo de desgosto. “Qualquer rapariga custará nesse tempo, um dia um dote ao seu pai sem lhe proporcionar mais que certas alianças ou a amizade um vizinho. Pouca coisa, (...) se consideramos que alianças e amizades se rompem ao sabor dos interesses” (Badinter, 2000, p.87).

O conceito de maternidade ultrapassa esta ligação com a questão de género das crianças. Com a mudança do lugar da mulher na família, bem como na sociedade, devido sua inserção no mercado de trabalho, o

¹ Com o passar dos tempos, as normas de responsabilidade dos filhos para com os pais, passaram a incorporar um aspeto do conceito de Familismo, onde o dever de dar suporte aos pais na velhice, generalizam-se para os filhos adultos independentemente do género (Silverstein & Yang, 2006). Recentemente, estas normas filiais vêm sofrendo mudanças, e, atualmente, o respaldo aos pais na velhice é uma opção e não uma obrigação (Kalmijn & De Vries, 2009).

conceito de maternidade modifica-se, pautado no desejo de liberdade feminina (Ariés, 2011).

Diante disto, surgem reações a esta nova forma de pensar a maternidade e a posição da mulher. Surgem diversas publicações para recomendar às mulheres para cuidarem pessoal e integralmente de seus filhos, tendo como justificativa o amor espontâneo maternal ou instinto materno (Badinter, 2000). Nesta perspectiva, o único destino da mulher (a maternidade), é algo da ordem de uma vocação natural, a fim de corresponder ao que se espera dela (Kehl, 1996; Ramalho, 2005).

No entanto, importa ressaltar que a grande explosão das teorias do desenvolvimento no século XX, com enfoque na relação mãe-criança, deu-se no período pós guerra, em função dos efeitos da institucionalização da criança, geradora de uma educação em situações coletivas, separando-as da família² (Guedeney, 2004). Destas teorias, pode-se mencionar a de René Spitz (1984; 1998) que denuncia as consequências da ausência de trocas emocionais na relação mãe-filho, para o desenvolvimento psicológico saudável da criança.

Estas mudanças socio-históricas deram lugar a novas formas de família. O presente estudo, ao investigar a relação mãe e filha, contribui para uma melhor compreensão das dinâmicas desta relação diádica. Os processos afetivos envolvidos neste relacionamento aqui pesquisado, demonstram a relevância da investigação da qualidade dessa relação que, quando satisfatória, propicia uma rede parental de apoio importante também para as gerações.

² Nesta altura nos EUA autores como David Levy, Sally Provence, Lauretta Bender e René Spitz, denunciam os efeitos da institucionalização da criança em sistemas de educação coletiva (Creche), ressaltando a questão da separação da criança pequena da mãe e seus efeitos sobre o desenvolvimento (Guedeney, 2004).

1.3 *Ser avó*

A avó que hoje se conhece começa a existir no século XIX. Até então, falava-se no lugar dos velhos na família e sua relação com o trabalho, sem qualquer relato da função destes enquanto avós. Por volta de 1900 a velhice passa a ser algo a se assegurar tanto quanto as doenças e os acidentes. Com o aumento da esperança de vida, os mais velhos que já não exercem funções laborais, começam a ser uma preocupação para as famílias. A queda da solidariedade intergeracional vista pela tendência das famílias em colocar seus velhos em asilos, torna-se uma realidade. Mediante tal situação, nasce o movimento em prol da criação das reformas, como única forma de sanar alguns destes problemas. (Ariés & Duby, 1990).

Com esta nova consciência da velhice surge um retrato dos avós associado ao "Avôzinho" e a "Avózinha", que sem o encargo das funções educativas (tendo em vista que esta só será exercida na eventual necessidade de substituir os pais, por falecimento ou afastamento), podem se dar o luxo de tratar com docilidade os(as) netos (as). A avó por casar-se muito nova e ter uma longevidade maior que a do avô, fica incumbida de transmitir os saberes e as tradições aos netos (as). (Ariés & Duby, 1990).

Segundo Sampaio (2008) os avós dos dias de hoje estão muito próximos da educação dos netos (as), devido a fatores como a expansão do número de divórcios em Portugal, o aumento do ingresso da mulher no mercado de trabalho e a crescente solidariedade intergeracional nas famílias. No entanto, os afetos e o amor parecem prevalecer no centro das relações. Mais do que educar com a obrigação e o esforço dos pais, os avós estão disponíveis para o que for preciso, mas preferem usufruir de momentos de afeto e de transmissão da história familiar.

Em particular no que se refere às avós portuguesas, faz-se necessário alguns apontamentos, enquanto mulher/mãe/avó. As avós de hoje, enquanto mulheres, foram as primeiras a perfilharem o planeamento familiar e a utilizar as pílulas anticoncepcionais. Também foram as pioneiras na entrada no mercado de trabalho, promotoras das mudanças conjugais e revolucionárias de Maio de 1968 (Sampaio, 2008). Enquanto mães/trabalhadoras “respondiam com entusiasmo e dedicação, na tentativa de conciliar a vida profissional com a vida familiar, numa dupla jornada de que foram as primeiras a sentir as dificuldades” (Sampaio, 2008, p.67). Educaram seus (as) filhos (as) pelo afeto, rejeitando os modelos autoritários de seus pais, colhendo da Psicologia e da Pedagogia, uma visão mais privilegiada da infância e da adolescência, pautada em perspectivas valorativas das fases do desenvolvimento. (Sampaio, 2008).

Este rápido e sucinto panorama da trajectória de vida sócio-histórica da avó portuguesa, dá-nos uma primeira noção de quem são as avós de hoje, como foram educadas as mães atuais e que tipo de saberes e tradições são transmitidos para as crianças de agora.

2. Panorama demográfico

Historicamente, como visto acima, a posição social da mulher, o conceito de maternidade e o papel sociológico da avó, sofreram alterações ao longo dos tempos. Entretanto, as transformações não ocorrem apenas a nível socio-histórico, mas também, a nível demográfico, particularmente em Portugal.

Segundo Carrilho e Patrício (2010), entre 2001 e 2009, Portugal registou um crescimento muito ténue, sustentado quase por completo pelo saldo migratório. Frente a isto, nota-se uma queda da fecundidade, recente e

vertiginosa. Com este declínio, o país deixa de ocupar um posto no ranking dos países mais férteis, para ter as taxas de fecundidade e natalidade em níveis muito mais baixos (Almeida, 2004).

Com base em indicadores estatísticos pode-se perceber que “em 2009, o número de nados vivos de mães residentes em Portugal desceu para 99 491, ou seja, menos 5 103 nascimentos face ao ano anterior” (Carrilho & Patrício, 2010, p. 106). Com este decréscimo, o saldo natural nos últimos três anos, torna-se negativo, e os níveis ficam muito abaixo aos necessários para renovar as gerações (Carrilho & Patrício, 2010).

Por outro lado “a longevidade aumenta e os respectivos efeitos na composição etária da população marcam o processo do envelhecimento demográfico” (Carrilho & Patrício, 2010, p.101). Em 2001 por cada 100 jovens com menos de quinze anos havia cerca de 104 idosos; em 2009 estes números sobem para 118. Em termos de idosas, o número ultrapassa largamente o número de jovens, com o indicador a fixar-se nos 141 (Carrilho & Patrício, 2010).

Mediante este panorama demográfico, pode-se perceber que atualmente em Portugal há um decréscimo de mães primíparas, mas por outro lado, nota-se um aumento da população com possibilidade de vir a desempenhar o papel de avó.

CAPÍTULO II

**ASPECTOS INTRAPSIQUÍCOS E
DINÂMICAS RELACIONAIS**

1. Considerações prévias

A primeira instituição com a qual o indivíduo mantém contato e estabelece relações é a família, sendo ela também, responsável pela socialização e, principalmente, pela educação de seus membros. (Lima, 1999; Campos, 2004; Baptista, Cardoso & Gomes, 2012)

Sabe-se assim, que o que somos hoje tem muito a ver com o que aprendemos durante a nossa infância. Aprendemos acerca de nós próprios e acerca de tudo que nos rodeia, os outros e o mundo. Lançam-se na infância as bases do desenvolvimento nos seus diversos aspectos, nomeadamente os aspectos físicos, motores, sociais, emocionais, cognitivos, linguísticos, comunicacionais, etc., sendo a autonomia o sinal de desenvolvimento mais representativo e que entrelaça as diferentes dimensões desenvolvimentais. (Portugal, 2009).

Em consonância a isso, este capítulo dedica-se a apresentar os aspectos intrapsíquicos envolvidos na maternidade e na avosidade, bem como seus reflexos. Visa ainda evidenciar as dinâmicas relacionais que circundam a relação mãe-filha e como estas estabelecem elos de ligação fundamentais para a constituição da identidade materna da mulher, o que poderá gerar, ou não, ecos na díade em questão, aquando a assunção deste papel pela mulher da segunda geração.

2. Aspectos particulares da vivência psicológica

2.1 Na maternidade

As especificidades da relação mãe e filha adulta não é um tema muito tratado na psicologia (Costa, 2003; Dornelas & Garcia, 2006). Por outro lado, os aspectos intrapsíquicos desta relação, principalmente na

condução da mulher à formação de sua identidade feminina - e posteriormente materna - suscitam indagações desde os primórdios dos estudos psicológicos.

Muitos são os estudiosos que se dedicaram a pesquisar sobre a forma como se constroem os laços que estruturam a relação mãe- bebê. Freud, Lacan, Winnicott, Dolto, Ainsworth e Bowlby, são alguns exemplos. Todos estes estudiosos enfatizam a importância do processo de vinculação na estruturação psíquica do ser humano.

A vinculação da mãe ao seu bebê inicia-se na gravidez, antes mesmo da movimentação fetal. Neste período a mãe começa a construir mentalmente um retrato do bebê composto por cor da pele, formato do rosto, sexo, cor do cabelo, etc. No entanto, dificilmente o bebê real corresponderá ao bebê imaginário, e, caberá à mãe reajustar o imaginário ao real (Soulé, 1987). Este processo de idealização e reajustamento possibilita a formação de vínculo entre mãe e bebê. (Freud, 1895, 1905; Lacan, 1964).

Logo que o bebê nasce, a mãe é incumbida de prestar todo tipo de cuidado ao bebê, como fornecer o alimento, tratar da higiene ou colocá-lo para dormir. Entretanto, é ela também que proverá atenção e afeto (Dolto, 1996; Winnicott, 2000, 2001).

Klaus, Kennell e Klaus (2000) salientam a questão da relação afetiva, e pontuam que os pais formam vínculo com o bebê através do investimento emocional. Quer isto dizer que, na dinâmica relacional entre pais e filhos, as repetidas experiências prazerosas e significativas vão formar o vínculo da mãe à criança, ao mesmo tempo que desenvolve o apego da criança em relação à mãe e a outras pessoas, que também prestem cuidados a

ela. Deste modo, a vinculação define-se como um laço afetivo, que ao ser estabelecido, perdura no espaço e no tempo. (Ainsworth, 1991).

A teoria da vinculação postula, portanto, que os seres humanos têm a necessidade de relacionarem-se de forma afetiva, desde as mais precoces experiências relacionais, criando-se assim, uma forma *segura* de explorar o mundo ao seu redor (Bowlby, 1978; 1988; 2006).

O bebê precisa vincular-se ao outro como possibilidade de aceder aos recursos de apoio e conforto em situação emocional intensa, como por exemplo, a separação da mãe-bebé. Tal mecanismo irá contribuir para o desenvolvimento do sentido interno de segurança da criança (Bowlby, 1978; 1988), e também, para o estabelecimento de uma ligação parental segura crucial no desenvolvimento de “autonomia *versus* individualização”, assim como, para a adaptação a novos contextos de vida. (Ainsworth, 1991).

Soares (1996) ressalta que a qualidade das relações experienciadas precocemente, influenciam de maneira singular no posterior desenvolvimento da criança, tanto a nível de personalidade quanto a nível de construção de novos vínculos. Pois, é através disso que no futuro a criança terá introjetado formas de lidar com possíveis falhas do ambiente (Winnicott, 2000; 2001)

Neste sentido, as figuras de vinculação primária (como os pais, e, em especial a pessoa que desempenha função materna³), são a estrutura base para a construção dos modelos internos de funcionamento. Estes modelos serão importantíssimos no decorrer do desenvolvimento do sujeito, pois irão orientá-lo frente a novas relações (Bowlby, 1978; 1988),

³ Na teoria psicanalítica a função materna vai muito mais além do que a maternidade biológica. A função materna é composta por sentimentos e desejo em relação ao bebê e, desta forma, pode ser exercida por qualquer pessoa que deseje (Dolto, 1996).

como por exemplo, na relação mãe-filha, no momento do “nascer” de uma nova mãe.

A mãe ocupa um lugar marcante nesta díade pois, para além da função primordial desempenhada por ela nos primeiros anos de vida, caberá a ela também um lugar fundamental no processo de constituição da identidade feminina da filha (André, 1998; Zalcberg, 2003).

A mãe e sua filha desenvolvem um vínculo de grande proximidade, devido a questões que são comuns às mulheres (Zalcberg, 2003). Ao longo de sua infância, a menina, através da intimidade que priva com sua mãe, vai preparando suas futuras bases de identificação feminina (Ocariz, 2002, 2004; Zalcberg, 2003).

Mas, para que isso ocorra, a menina precisa em determinado momento, particularmente na adolescência, poder se diferenciar da mãe e consolidar uma identidade feminina sua. Neste período torna-se comum os conflitos, a filha experiencia sentimentos ambivalentes em relação à mãe: se, por um lado, almeja tornar-se mulher, por outro, receia perder o lugar de filha. A mãe, por sua vez, sente-se despreparada para ouvir e acolher os anseios da filha (André, 1998; Zalcberg, 2003).

Caberá à mãe, e somente a ela, a árdua tarefa de poder reconhecer na filha o nascimento de uma nova mulher. Conseguir ultrapassar esta difícil e delicada fase requer de ambas sensibilidade, vontade, e, principalmente, aceitação de uma perda (Corso & Corso, 2006). É, sem dúvida alguma, um percurso trabalhoso, no entanto, necessário, pois somente ao trilhar este caminho será possível a construção de uma relação harmoniosa entre mãe e filha, na fase adulta da filha (Zalcberg, 2003).

Portanto, o percurso para construção da identidade de mulher, mãe e avó, inicia-se no momento da gestação de um novo membro familiar, passando por várias etapas desenvolvimentais, onde a figura da mãe ou de quem desempenhar a função materna, será crucial (Freud, 1895, 1905; Lacan, 1964; Zalcborg, 2003) na introjeção de aspectos biopsicossociais. Porém, este processo se dá de forma dinâmica, onde mãe e filha ocuparão, sempre, papéis de protagonistas (Zalcborg; Costa, 2003).

2.2 Na avosidade

A chegada de uma nova geração à família, traz consigo transformações na estrutura e dinâmica familiar, tal como já mencionamos no tópico anterior. Assim como tornar-se mãe, tornar-se avó, em qualquer conjuntura de vida, implica uma redefinição da função e papel na família. Este facto poderá ter conotação positiva e enriquecedora, se for interpretada como uma dupla maternidade; ou negativa, se relacionada à perda de liberdade ou de jovialidade (Alves, 2013; Kipper, 2004).

Para a mulher de meia-idade, a chegada da terceira geração pode oferecer uma nova chance para viver a experiência da maternidade, como uma auto-realização emocional. Ou ainda, por outro lado, instigar sentimentos de desapontamento e desconforto, confrontando-se com a realidade, forçando-a a pensar em questões como idade e morte (Dias, 1994; 2011; Pinto et al., 2014).

Eis que entra em cena, na psicogerontologia, a avosidade⁴. Sugerindo uma visão para além da biológica associada à idade cronológica, ressaltando os laços de parentesco e exigindo da pessoa idosa a reestruturação psíquica ao aceder um novo *status* pessoal, psíquico,

⁴ Termo difundido através dos estudos de Paulina Redler no ano 1977 sobre psicogerontologia. (Pinto et al., 2014).

familiar e social: o de ser avó (Pedrosa, 2006 citado em Pinto et al., 2014).

Na avosidade, os sentimentos experienciados assemelham-se aos da maternidade. Note-se, que tal função requer a elaboração de vivências do próprio papel materno, na tentativa de buscar na própria história referências balizadoras a serem incorporadas ou não (Alves, 2013).

Para que este processo ocorra de forma harmoniosa, ultrapassando conflitos e angústias, reestruturando as dificuldades relacionais transformando-as em novas vivências, faz-se necessário que a avó/mãe dê condições à sua filha/mãe de desempenhar efectivamente o seu papel de mãe, cabendo a esta nova avó a posição de elo entre as gerações (Goldfard & Lopes, 2006; Pinto et al., 2014). Isto sem nunca deixar de parte as suas outras funções na família como a de mãe, sogra, esposa, e até mesmo filha.

3. Dinâmicas relacionais

Na literatura existem algumas áreas de estudo que podem ser objecto de pesquisa, quando nos referimos a dinâmicas relacionais da díade mãe e filha adulta. Dornelas e Garcia (2006) apontam quatro como sendo as principais: (1) A influência do relacionamento mãe-filha para a formação da identidade feminina; (2) O cuidado das filhas com mães idosas; (3) Os efeitos do casamento e da maternidade da filha no relacionamento com a mãe; e, (4) A ambivalência da relação mãe-filha.

Tem-se por difícil falar de uma destas áreas em singular, uma vez que são temas interligados em cadeia. Por isso, no tópico anterior perpassamos pelo ponto (1) *A influência do relacionamento mãe-filha para a formação da identidade feminina*, para que pudéssemos ter suporte para introduzir o ponto (3) *Os efeitos do casamento e da maternidade da filha no*

relacionamento com a mãe, mais especificamente, os efeitos da maternidade da filha na qualidade do relacionamento com a mãe, assim como, os reflexos da qualidade relacional na transmissão intergeracional.

Segundo Sutor (1987 citado em Dornelas & Garcia, 2006) “casar-se e tornar-se mãe são eventos na vida da mulher adulta que afetam sua relação com a mãe, podendo fortalecê-la ou enfraquecê-la”. Pois, esta relação diádica está composta por uma peculiaridade, o cruzamento de posições.

Neste período não existe somente mãe e filha, mas sim, uma filha diante de sua mãe e diante de uma mãe que ela própria poderá se tornar, tendo como eixo central o ser mulher (Zalberg, 2003). Dito de outra forma, tornar-se mãe pode ser um momento de redefinição de papéis e de redefinição da relação com sua própria mãe, pois a mulher passa a exercer não só o papel de filha mas também o de mãe; e sua mãe passa a ser também avó (Bassof, 1991; Dias & Lopes, 2003).

O processo de referenciação intergeracional neste momento de mudança evidencia-se. É natural procurar em sua própria história um modelo de mãe (Canavarro, 2001; Baptista, Cardoso & Gomes, 2012) o que, inevitavelmente, traz pontos de convergência e divergência relativamente ao modelo materno. Ou seja, “até que ponto os valores maternos são reavaliados e/ou redefinidos na transmissão geracional?” (Bassof, 1991; Dias & Lopes, 2003). E, como é que estes valores podem influenciar a redefinição da relação mãe-filha?

A transmissão de modelos de feminilidade e de maternidade de mães para as filhas, transportam imagens do relacionamento passado nesta díade, carregados de representações e configurações afetivas que influem sobre o vínculo que a mulher irá estabelecer com o seu bebê (Felice, 2007).

Estudos evidenciam que, as memórias satisfatórias de apoio familiar na infância e na adolescência, tendem a influenciar a postura destes indivíduos positivamente aquando constituem suas próprias famílias (Felice, 2007; Baptista, Cardoso & Gomes, 2012). Contudo, vale a pena ressaltar que o grau de percepção deste apoio está, inevitavelmente, associado ao grau de satisfação do indivíduo frente às suas necessidades (Procidano & Heller, 1983 citado em Baptista, Cardoso & Gomes, 2012). Relacionar-se é também influenciar-se e, assim, quanto mais próxima a relação, maior é a influência (Main & Goldwin, 1994; Main, Kaplan, & Cassindy, 1985).

A qualidade da relação mãe-filhas estabelecida tem aptidão preditiva em termos do próprio desenvolvimento, apesar de não ser o único fator (Canavarro 1999; 2001). Os estilos parentais também são atributos relevantes: a forma como se comportam os pais durante a interação com os filhos, pode gerar transmissão intergeracional de práticas parentais positivas ou negativas (Baptista, Cardoso & Gomes, 2012).

Outro marco importante no relacionamento entre mãe e filha adulta, em termos geracionais, está ligado ao agrupamento de papéis sociais. A chegada do primeiro bebé – filho(a)/neto(a)/bisneto(a) – à família, é sinónimo de um passo em frente, mas também, significa a junção de mãe/avó e filha/mãe. Neste momento de transformações, de adaptação e de construção de novos papéis pode surgir o que alguns autores designam como desordem geracional (Canavarro, 2001; Dornelas & Garcia, 2006; Falceto & Waldemar, 2009).

Com efeito, ao tentar dar suporte à filha num momento tão importante de adaptação, mãe e filha podem criar confusões entre gerações sobre qual papel que cada uma deve desempenhar. Algumas avós, na tentativa de

dar apoio ou transmitir à filha o que é ser mãe, podem incorrer no risco de minar a autoridade dos pais, ou até mesmo se sobrepor ao lugar destes (Canavarro; Dias et al., 2011).

Para além destes fatores de proteção ou até de intromissão das avós na criação dos netos(as), o choque geracional, a falta de autonomia ou independência por parte das filhas, bem como, as características de personalidade das pessoas, são agentes prejudiciais para uma dinâmica relacional saudável (Dias 1994; et al., 2011).

Ser agente de uma continuidade estabelecida pela transmissão geracional do papel materno é, igualmente, e paralelamente, poder garantir, quando necessário, a descontinuidade, tendo em conta as particularidades de cada sujeito, seu contexto histórico e social (Canavarro, 2001).

Conforme constatamos, a dinâmica relacional da mãe e da filha pós maternidade da filha é balizada por condições positivas e negativas, proporcionando a transmissão intergeracional de valores, afeto e comportamentos, também neste dois pólos (Dornelas & Garcia, 2006; Dias et al., 2011). A qualidade da relação diádica pode ser bastante dialética, caracterizada pela influência mútua, que está em constante movimento (Dornelas & Garcia, 2006), e procura sempre alcançar o equilíbrio geracional.

O estudo empírico tem como premissa teórica norteadora, o pressuposto de que a qualidade da relação entre mãe e filha poderá ser influenciada pela transição do segundo elemento da díade para a maternidade no quadro dos efeitos ligados aos próprios processos de transmissão intergeracional.

PARTE II
ESTUDO EMPÍRICO

1. Introdução

Nesta parte do estudo são descritos os objetivos do estudo, as características da pesquisa, as participantes da investigação, a técnica e procedimentos de recolha de dados, os procedimentos de tratamento dos dados, a apresentação e discussão dos resultados, as conclusões, as limitações do estudo e algumas sugestões para futuros estudos sobre este tema.

2. Objetivos do estudo

Na condução de uma pesquisa o investigador, inevitavelmente, orienta seus passos e processos por meio de objetivos operacionais, previamente instituídos (Almeida & Freire, 2008).

A presente pesquisa tem como objetivos principais entender a natureza das dinâmicas relacionais que se instituem na díade mãe-filha aquando da assunção do papel materno pelo segundo elemento, bem como, compreender as características do processo de transmissão intergeracional que ocorre nas díades mãe-filha por via da maternidade da segunda geração, explorando também como isso influi na própria qualidade da relação mãe-filha. Para isso foram estabelecidas um conjunto de questões de investigação.

Questão 1: O que muda na forma como as mulheres de segunda geração se relacionam com as suas mães e vice-versa depois de se terem tornado mães/avós?

Questão 2: Em que medida a visão que as mulheres de segunda geração têm das suas mães se altera? E em que sentido?

Questão 3: Em que medida a visão que as mães das mulheres de segunda geração têm das filhas se altera? E em que sentido?

Questão 4: Que tipo de aspectos do comportamento materno das suas mães, as mulheres de segunda geração salientam como fonte de aprendizagem útil, para o desempenho do seu papel como mães?

Questão 5: Em que medida as mães das mulheres de segunda geração consideram ter dado um contributo significativo para o desempenho do papel materno pelas suas filhas? Que tipo de aspetos do seu comportamento as mães das mulheres de segunda geração salientam como tendo sido importantes nesse sentido?

Questão 6: Quando se reportam às memórias da relação mãe-filha e à sua própria experiência de maternidade, que atitudes das mães são compreendidas positiva ou negativamente, pelas mulheres da segunda geração?

Questão 7: Entre as mulheres de segunda geração, prevalece a intenção de, na relação e na forma de educar o próprio filho, se assemelhar ou de se demarcar dos comportamentos maternos experienciados?

Questão 8: Até que ponto as mães das mulheres de segunda geração se revêm na experiência de maternidade das filhas?

Questão 9: Que tipo de apoio, se existente, é possível constatar entre a primeira e a segunda geração?

3. Características da pesquisa

Sabe-se que os métodos experimentais-positivistas têm sido mais utilizados pelos pesquisadores nos últimos anos. Entretanto, os métodos qualitativos atualmente têm recuperado sua importância nas Ciências Sociais e Humanas, em função de pressupostos holísticos, indutivos e interpretativos de análise (Almeida & Freire, 2008). Em outras palavras, o método qualitativo não abrange um instrumento estatístico como base no processo de análise, e, não pretende numerar ou medir unidades (Richardson, 1989).

Este tipo de investigação envolve técnicas de recolha e análise de dados com a finalidade de explicar factos humanos (Mucchielli, 1991). Ou seja, a investigação qualitativa estuda a realidade sem descontextualizá-la ou fragmentá-la, ao mesmo tempo que parte dos dados e não de teorias pré estabelecidas para explicar ou entender os fenómenos, além de situar-se mais nas peculiaridades do que na obtenção de leis gerais (Almeida & Freire, 2008).

Tendo em vista tudo isso e a complexidade do fenómeno intergeracional estudado nesta pesquisa, especificamente, as possíveis mudanças na relação mãe-filha decorrentes da maternidade da segunda, e, no intuito de operacionalizar os objetivos de estudo propostos, optou-se por investigação baseada na metodologia qualitativa, tratando-se de um estudo de carácter exploratório.

4. Identificação e recrutamento de participantes

Para a constituição do grupo de participantes no estudo foram, inicialmente, definidos alguns critérios considerados pertinentes para a colaboração neste estudo, a saber: (1) Mulheres primíparas (tendo em

conta o impacto da primeira experiência de maternidade); (2) Mulheres com filhos em idade pré-escolar entre 3 e 5 anos de idade (considerando um período onde a terceira geração já está bem introduzida à família, mas ainda não tem contato com outras variáveis como a escola) e (3) Mulheres com mães vivas, geograficamente acessíveis e com quem exista contato regular (para garantir o acesso e realização da pesquisa). De seguida, delimitou-se possíveis locais onde solicitar colaboração para aceder as possíveis participantes, e, posteriormente, procedeu-se a contactos telefónicos e presenciais, com quinze mulheres, dentro do perfil desejado. Após realização do convite e exposição detalhada sobre o tema de pesquisa, apenas 11 voluntariaram-se a participar.

Concluído este processo, o estudo contou com a participação de cinco díades, constituídas por mulheres de duas gerações consecutivas, ou seja, mães de primeira geração e as respectivas filhas biológicas (mulheres de segunda geração). Salienta-se que as 10 participantes foram selecionadas de forma aleatória, entre todas as que foram identificadas preenchendo os critérios pré-estabelecidos.

Na tabela 1 encontram-se sistematizados os principais dados de caracterização sociodemográfica das díades de mulheres participantes no estudo.

Tabela 1. Caracterização das mulheres de 1.^a e 2.^a geração participantes bem como dos elementos da 3.^a geração (netos/filhos) indiretamente envolvidos no estudo

	Idade	Género	Habilitações literárias	Estado civil	Atividade profissional
Grupo 1					
1.^a Geração	48 anos	Fem.	12. ^o Ano	Casada	Emp. de Mesa
2.^a Geração	26 anos	Fem	12. ^o Ano	Casada	Emp. de Balcão
3.^a Geração	4 anos	Masc.			

Grupo 2

1.^a Geração	53 anos	Fem.	12. ^o Ano	Solteira	Desempregada
2.^a Geração	23 anos	Fem.	Licenciada	União de Facto	Emp. de Loja
3.^a Geração	3 anos	Fem.			

Grupo 3

1.^a Geração	58 anos	Fem.	3. ^o Ano	Viúva	Reformada
2.^a Geração	37 anos	Fem.	9. ^o Ano	Solteira	Ass. Operacional
3.^a Geração	3 anos	Fem.			

Grupo 4

1.^a Geração	61 anos	Fem.	Licenciada	Casada	Reformada
2.^a Geração	32 anos	Fem.	Licenciada	Casada	Professora
3.^a Geração	4 anos	Masc.			

Grupo 5

1.^a Geração	63 anos	Fem.	4. ^o Ano	Viúva	Reformada
2.^a Geração	36 anos	Fem.	12. ^o Ano	União de Facto	Monitora de Escola
3.^a Geração	3 anos	Fem.			

5. Técnica e procedimentos de recolha de dados

A técnica utilizada na recolha de dados neste estudo foi a entrevista. “ A entrevista é uma conversa efetuada face a face entre o informante e o entrevistador, cujo objectivo é colher dados fidedignos através de uma

conversa (...) visando sempre buscar as informações significativas para o tema em estudo” (Figueiredo & Souza, 2011, p.120). Esta técnica permite ao entrevistado e ao entrevistador um relacionamento estreito (Barros, 2000), o que pode ajudar na obtenção de informações que não foram encontradas em registros e fontes documentais, mas podem ser fornecidas por pessoas (Figueiredo & Souza, 2011).

Neste estudo, as entrevistas foram orientadas por dois guiões de entrevista semi-estruturadas, a saber: (1) Guião de entrevista a mães da primeira geração (Anexo II) e (2) Guião de entrevista a mães da 2.^a geração (Anexo III). Na primeira parte da entrevista procedeu-se ao levantamento de alguns dados sociodemográficos (idade, habilitações literárias, estado civil, atividade profissional e localidade) e numa segunda parte, foram colocadas algumas perguntas exploratórias de acordo com o previsto no respetivo guião.

Antes de dar início à entrevista deu-se a conhecer a cada uma das participantes o objetivo da pesquisa, a importância de sua colaboração, o carácter confidencial envolto na análise e divulgação dos dados, além de se ter comunicado às participantes a possibilidade de desistência da colaboração em qualquer momento do estudo, sem haver qualquer tipo de penalização.

De seguida, solicitou-se a cada uma das participantes que efetuassem a leitura cuidadosa do termo de consentimento informado (Anexo I), composto pela autorização para a gravação da entrevista, assim como, a autorização para utilização posterior dos dados. Todas as participantes consentiram em colaborar e assinaram o documento.

A recolha dos dados ocorreu sempre na residência de cada uma das participantes, em data e horário pré-acordados. A ordem das entrevistas

deu-se em primeiro lugar com a mulher de primeira geração (tendo em conta a desconfiança manifestada pela maioria desta população face à protecção de sua vida privada, existindo maior probabilidade de desistência após a primeira entrevista.), e, posteriormente com a sua filha. As participantes foram advertidas da necessidade de sigilo relativamente ao conteúdo da entrevista, especialmente junto ao seu par.

As entrevistas tiveram duração mínima de 12 minutos e duração máxima de 48 minutos. O intervalo de tempo entre a entrevista da primeira integrante da díade e a entrevista da segunda integrante foi em média de cerca de três horas.

6. Procedimento de tratamento de dados

Como procedimento de tratamento de dados recorreu-se ao método de análise de conteúdo temática. Esta análise representa-se como “um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrições do conteúdo das mensagens, dos indicadores (qualitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens” (Bardin, 1988, p. 42).

No presente estudo, para realizar a análise de conteúdo, Tendo como base os apontamentos de Bardin (1988) e L'Écuyer (1990), o processo de tratamento das entrevistas consistiu no conjunto de tarefas seguintes, divididas em oito etapas: (1) Leituras preliminares e estabelecimento de lista de enunciados, com transcrição e organização das entrevistas das mães da primeira geração (Anexo IV) e as entrevistas das mães da segunda geração (Anexo V); (2) Escolha e definição das unidades de classificação, com atribuição de nomes fictícios a todas as participantes e a todas as díades, respeitando os princípios éticos de confidencialidade;

(3) Processo de categorização e de classificação, com leitura acurada das transcrições; (4) Quantificação e tratamento estatístico, com verificação da fiabilidade do material a analisar por outra especialista na área de psicologia a quem foram cedidas as gravações em áudio e transcrições; (5) Descrição científica, com a criação da árvore de categorias e subcategorias, com auxílio do *software* NVIVO 8, onde se analisa as respostas das cinco díades de mulheres (cf. Tabela 2); (6) Interpretação dos resultados e Apresentação das análises agrupadas, referentes às mães da primeira geração, e, de seguida, às mães da segunda geração; (7) Comparação das informações obtidas junto das mulheres/mães de cada uma das gerações; (8) Análise Intradíade.

7. Apresentação e discussão dos resultados

Neste tópico será realizada a apresentação e discussão dos resultados obtidos através da análise de conteúdo da narrativa das participantes aquando das entrevistas. Os resultados apurados serão organizados e discutidos intra e interdiádicamente.

Tabela 2. Sistema de categorias intradíade

Categorias	Subcategorias	Descrição
Gravidez		Dimensões relevantes ao impacto da notícia da gravidez na dinâmica relacional mãe-filha.
Influência Social e Cooperação	Apoio e Cooperação Desempenho do Papel Materno	Dimensões referentes a expectativas, qualidade e tipo de apoio e cooperação geracional; Expectativas e qualidade no que diz respeito ao papel materno da 2 ^a . geração.
Transmissão Intergeracional	Comportamentos e Valores Práticas Educativas	Dimensões relevantes a transmissão intergeracional de valores e/ou práticas educativas.

Percepção Relacional	Distância e/ou Aproximação afectiva; Dependência e/ou Independência; Diferenças e Semelhanças; Mãe como Avó.	Dimensões para transformações relacionais.
----------------------	--	--

7.1 Resultados da análise intradiáde

Díade 1: O apoio aparece nos relatos desta díade, como algo marcante na dinâmica relacional. Mãe e filha mostraram-se surpreendidas e ao mesmo tempo satisfeitas com apoio prestado no pré e pós parto, assim como na atualidade, gerando uma relação mais valorativa e de proximidade afectiva. A transmissão intergeracional de práticas educativas em termos de valores, também surge como significativa para este par. Sara A. enfatiza em suas considerações, que tenta instruir os valores que aprendeu com seus dois exemplos de mãe na família, nomeadamente sua avó e sua mãe, na educação do filho. Entretanto, ressalta que em termos comportamentais, suas práticas educativas são essencialmente distintas das de sua mãe.

Tabela 3. Análise de conteúdo da 1.^a díade

Categorias	Subcategorias	Análise de Conteúdo
Gravidez		(1) <i>"Eu acompanhei sempre muito de perto o nascimento do C1, a maternidade da minha filha". (Maria A.); (2) "(...) Eu na altura em que tive o meu filho ainda estava a morar em casa dela, pronto, eu não contava engravidar, e entretanto casei".(Sara A.)</i>
Influência social e cooperação	Apoio e Cooperação	(3) <i>"Eu sempre pensei que no dia em que a minha filha fosse mãe eu iria dar todo o apoio que eu dei, pronto. Se calhar dei mais do que aquilo que eu esperava dar. Acho que até ultrapassei o meu limite". (Maria A.); (4)<i>"Mais do que ela deu é impossível. Eu na altura em que tive o meu filho ainda estava a morar em casa dela (...). Ele só com quase dois aninhos é que foi para o infantário. (...) Mas pronto, ela deu-me essa segurança que eu precisava".(Sara A.)</i></i>

	Desempenho do papel materno	(4)"Não é que ela não estivesse preparada para ser mãe! Ela se calhar até estava. Inconscientemente até estava preparada, porque ela era super zelosa com o filho, aprendeu a fazer tudo com o filho". (Maria A.); (5) Ela se calhar passeava mais conosco do que eu passeio com o meu filho. (...) eu acho que tenho menos tempo para estar com o meu filho, do que ela tinha quando era mais nova".(Sara A.)
Transmissão Intergeracional	Comportamentos e valores	(6)"Como lhe disse, eu nunca consegui, a bem dizer, bater nos meus filhos, que é uma coisa que eu detesto (...) e eu não quero fazer com o meu neto isso, porque eu nunca o fiz como mãe ". (Maria A.); (7) "Tenho dois exemplos na família que é a mãe e a avó, a avó materna principalmente (...) Como modelo; muito a mãe mas a avó também. "(...) tento-lhe ensinar tudo como ela me ensinou a mim: a partilhar, a respeitar os outros". (Sara A.)
	Práticas Educativas	(8) "A maneira de eles educarem não é igual à minha. Não quer dizer que eles não eduquem bem, mas têm a sua maneira de educar que não é igual à minha, que não é igual".(Maria A.); (9) "Eu faço como ela, a educação; O dizer um "bom dia", um dizer "boa tarde", saber estar, não ser mal educado, (...)". "Eu sempre a vi, pronto, como um modelo bom de mãe, mas acho que, na educação do meu filho, aplico também muitas coisas do pai ".(Sara A.)
Percepção relacional	Distância e/ou aproximação afectiva	(10)"Se calhar até nos tornamos mais unidas. Mais unidas..."(Maria A.); (11) Agora dou-lhe mais valor. Se calhar se tiver alguma coisa para contar, se calhar conto a ela e não conto aos outros. Não é que eu conte tudo, tudo, mas dou um bocadinho mais de valor; ajudo no que for preciso (...) Se calhar, se não fosse mãe se calhar não dava assim tanto valor".(Sara A.)
	Dependência e/ou independência	(12) "Tento ajudar se acho que alguma coisa (?), pronto, tentar ajudar a crescer, a continuar, porque ela só ainda tem vinte e seis anos e acho que ela ainda está em fase de amadurecimento. Continuo a apoiá-la e fazer, faço tudo o que ela precisar (...) pode contar sempre comigo".(Maria A.); (13) "O primeiro banho não fui eu quem dei. Os primeiros eu tinha medo e era ela que dava; (...) Eu não tinha experiência não é? Se calhar um dia em que tenha outro filho, já

	<i>tenho mais experiência e se calhar não vou precisar tanto dela". (Sara A.)</i>
Diferenças e semelhanças	<i>(14) "Semelhanças, acho que a atitude é a mesma". (Maria A.); (15) "Imponho mais regra, do que por exemplo, do que ela se calhar, impunha connosco." "A minha mãe é... é muito mole, está sempre tudo bem para ela, gosta de toda a gente, não vê maldade em nada, a minha mãe é assim. Toda a gente gosta dela, e nisso eu sou mais diferente". (Sara A.)</i>
Mãe como avó	<i>(16) "Isso já é mais complicado. Isso é um bocadinho mais complicado, porque eu sou uma avó às vezes um bocado... como é que eu hei-de dizer, um bocadinho mole. E deixo o meu neto fazer um bocadinho aquilo que às vezes não devia não é? Não devia deixar demais. Mas é tão bom ser avó... ele é tão especial para mim que eu não me consigo controlar". (Maria A.) (17)"Estraga muito o neto. Eu sei que ela gosta muito dele quase como se fosse filho dela. (...) E às vezes tem atitudes que eu não gosto. Eu sei que sou mais severa que ela... como ela foi comigo (...) Se algum dia me acontecesse alguma coisa eu não queria que ele ficasse com ninguém a não ser com ela".(Sara A.)</i>

Díade 2: Para este par, a gravidez representou um marco na relação. Num primeiro momento originando conflitos, em função do impacto de uma gravidez inesperada. Após este período, a chegada da terceira geração possibilitou grande aproximação desta díade. Respeito, carinho, amizade e admiração mútua, foram incorporados na dinâmica relacional. Mãe e filha salientam que o apoio financeiro, mas principalmente afetivo, são importantes contributos para um bom desempenho do papel materno. A transmissão intergeracional em termos comportamentais no que diz respeito às práticas educativas não foi significativa, mas, os valores são propagados para a terceira geração.

Tabela 4. Análise de conteúdo da 2.^a díade

Categorias	Subcategorias	Análise de conteúdo
-------------------	----------------------	----------------------------

Gravidez		<i>(18) "Não conseguia acreditar, acho que não conseguia aceitar, não era o facto de não aceitar, era o facto de eu não conseguir acreditar. Mas depois correu tudo muito bem". (Maria B.); (19) É assim, quando a minha mãe descobriu que eu estava grávida foi um choque muito grande. Lá está, por ser uma pessoa que se preocupa muito, não é, com que os outros pensam, a reação dela não seria outra".(Sara B.)</i>
Influencia social e cooperação	Apoio e Cooperação	<i>(20) "(...) olhe o apoio é ajudar em tudo, não é? No que a minha filha precisa. Dar, ajudar ela tornar-se... ela ser independente. Ajudá-la em tudo no que ela precisar e no que eu puder dar, claro". (Maria B.); (21) a minha mãe também ajudou-me muito; inicialmente eu tive aqui com a minha mãe, a viver com ela, e depois só passado ano e meio é que decidi ir viver com o R., o pai da minha filha". (Sara B.)</i>
	Desempenho do papel materno	<i>(22) "É uma mãe e uma amiga da filha (...) E da minha neta, ela tem sempre... é mãe! A mãe é para ela assim...mas toda a gente repara nisso! A mãe para ela é assim, olhe, a mãe para ela é um deus. Para ela a mãe é tudo". (Maria B.); (23) Eu converso muito, eu converso muito com a C2, não resmungo com ela, eu sinto muitas vezes que ela para perceber alguma coisa e para fazer o que eu mando, eu não posso resmungar com ela. Tenho que, com calma, explicar-lhe tudo ao pormenor "Porque é que não podes fazer" – com muita calma".(Sara B.)</i>
Transmissão intergeracional	Valores	<i>(24) "Ela criticava-me disso. E agora... e agora ela diz ao pai da filha, que a educação que ela teve é a mesma que vai dar à filha". (Maria B.); (25) "a base essencial de tudo aquilo que eu penso, sem dúvida alguma, foi através da minha mãe. (...) mostrar à C2 que estou sempre lá, sou sempre amiga dela, dar-lhe carinho e pronto". (Sara B.)</i>
	Práticas educativas	<i>(26) "Enquanto que com os meus filhos, era só eu. (...) Aqui com a minha neta, já é diferente. Ela tem o apoio de toda a gente". (Maria B.); (27) "E eu vejo muito, muito, pela educação que eu dou à C2; (...)e acho que nós temos muitas coisas em comum, relativamente como eu educo a C2". (Sara B.)</i>
Percepção relacional	Distância e/ou aproximação afectiva	<i>(28) "Quer dizer, sou capaz de ter dito umas palavras que... não muito agradáveis, mas as coisas passaram e o meu comportamento com ela, é um comportamento de mãe que está a</i>

	<p><i>ajudar a filha a ultrapassar tudo".(Maria B.); (29) "Aproximamo-nos muito mais. Converso muito mais com ela, para pedir conselhos, não é? (...) somos assim mais próximas, mais amigas, não é? Eu procuro estar mais com ela. Se calhar antes eu queria sair de casa; agora não, eu procuro ficar aqui, não é? É diferente". (Sara B.)</i></p>
Dependência e/ou independência	<p><i>(30) "Cuido da menina enquanto ela não está. E ajudo em tudo o que ela precisar".(Maria B.); (31) a minha mãe ajuda-me financeiramente; "A minha mãe vai buscar a C2 sempre que eu preciso; a minha mãe ajuda-me imenso, pronto". (Sara B.)</i></p>
Diferenças e semelhanças	<p><i>(32) "Não vejo diferenças muito grandes, sabe porquê? Primeiro porque tenho a experiência de já ter sido mãe. (Maria B.); (33) "A minha mãe liga muito ao que os outros dizem e eu não. (...) talvez eu tenho mais paciência e a minha mãe não... (...) eu já sou uma pessoa mais calma... a minha mãe é muito de discutir, não conversa (...)". "Semelhanças... é a aproximação (...) nós temos uma aproximação muito grande. Nós falamos abertamente sobre os nossos problemas". (Sara B.)</i></p>
Mãe como avó	<p><i>(34) "Parece que estou a ver a minha filha quando era pequenina. Portanto, é uma maravilha. Ser avó é ser mãe segunda vez. Ter uma netinha é maravilhoso".(Maria B.); (35) "Pronto, muito preocupada. Exageradamente preocupada;(...) mas: é atenciosa, carinhosa mas eu acho que o maior defeito, lá está, é a preocupação".(Sara B.)</i></p>

Díade 3: Nesta díade, questões como apoio e cooperação da gestação até aos dias de hoje; valorização do papel materno tanto na primeira como na segunda geração; e transmissão de valores através das práticas educativas, foram observados como factores positivos na relação entre mãe e filha. Entretanto, o ponto de maior destaque está associado a percepção relacional. A mãe/avó, Maria C., em suas falas expõe que a proximidade relacional está diferente, em função da chegada da terceira geração na família. A seu ver, agora a filha não dispõe de atenção integral a ela, compartilhando-a com a neta, o que lhe causa certo desconforto.

Tabela 5. Análise de conteúdo da 3.^a díade

Categorias	Subcategorias	Análise de Conteúdo
Gravidez		(36) "Mas foi bom, foi bonito, pronto. Gostamos, foi a gente que quis, pronto".(Maria C.)
Influência Social e cooperação	Apoio e Cooperação	(37) "Eu ajudei em tudo o que ela precisasse, quando veio do hospital, e ajudei-lhe em tudo, dei-lhe carinho, não é, porque elas precisam também, e pronto. Foi eu que a ajudei, ia sempre a casa dela que ela não podia, eu ajudava-lhe, dava-lhe carinhos, e à menina. Pronto, ajudamos uma à outra".(Maria C.); (38) "Ela esteve sempre do meu lado, foi uma alegria enorme. Sempre do meu lado, quando a C3 nasceu ia todo o dia para minha casa, estava lá à minha beirinha, para me ajudar a tomar conta da C3 e dar-me dicas, não é? Que ela já tinha sido mãe, mas deu-me muito apoio e continua... continua a dar muito apoio".(Sara C.)
	Desempenho do papel materno	(39) "Acho que é uma mãe cem por cento para a filha, que lhe dá tudo o que ela quer, quando pode, mas não lhe falta com nada. Acho que ela é uma rica mãe".(Maria C.); (40) "Acho que nós dedicamos mais tempo agora aos filhos".(Sara C.)
Transmissão intergeracional	Valores	(41) "Eu noto que ela está bem e certinha com a filha. ali muito, muita coisa certinho. Ela faz-me lembrar, às vezes, coisas que eu fazia a ela".(Maria C.); (42) "As experiências dela, que me foi transmitindo, por tudo o que ela me foi transmitindo. Acho que foi por aí que eu aprendi com ela".(...) Não consigo explicar, estou mais atenta, vou chamando à atenção, para coisas que a minha mãe me dizia a mim na altura e agora vejo que ela tem razão e então vou transmitindo isso para a minha filha, vou chamando a atenção".(Sara C.)
	Práticas educativas	(43) " Agora, a educação de ela a falar para a gente é tal e qual a mãe. Não tem diferença (...) não se nota assim muita diferença entre uma e a outra".(Maria C.); (44) "Acho que a educação que a gente dá à C3 é sempre diferente. É diferente da que os meus pais me deram a mim, embora os valores que eles passaram para mim, nós tentamos incutir à C3. Mas é sempre diferente. Não sei lhe dizer mais".(Sara C.)
Percepção relacional	Distância e/ou aproximação	(45) "A gente conversava muito as duas, uma com a outra, e eu fazia-lhe ver certas coisas –

afectiva	<i>como a minha mãe me fazia a mim, não é – e foi bom, e ainda hoje somos como duas irmãs (...) Ora bem, ela já dedica-se mais à filha. Já não tem aquela atenção para nós, não é? Eu às vezes sou assim: "Carago, chegas aqui e vais logo embora, oh Sara C". (Maria C.); (46) "Cresci mais um bocadinho, as responsabilidades são outras e, então, damos mais valor a mãe.(...) Eu sempre tive uma boa relação com a minha mãe, acho que se mantém a mesma".(Sara C.)</i>
Dependência e/ou independência	<i>(47) "Sou eu que tomo conta dela. Pronto, ela também trabalha no hospital, e tem dias que não dá, não é? Pronto, eu vou busca-la à escolinha, que ela anda na escola, quando ela está a trabalhar". (Maria C.); (48) "Toma conta da C3, tomou conta até entrar agora neste ano na pré. Continua a ir buscar a C3, dá educação à C3, continua a ir busca-la, dá-lhe o almoço, quando eu estou a trabalhar, está sempre presente e sempre que nós precisamos da sua ajuda, está sempre no nosso lado".(Sara C.)</i>
Diferenças e semelhanças	<i>(49) "Acho que é diferente. A neta é diferente da filha, não é? Mas pronto, o amor é o mesmo. Tenho tanto amor à menina, como tenho à mãe, não é? Mas pronto, é diferente. Aquela coisa de ser avó, era o que a gente queria, não é? Mas é muito diferente".(Maria C.); (50) "(...) é um bocadinho diferente.(...) Embora a minha mãe brincasse e tudo, eu acho que não brincava tanto como nós agora brincamos com a C3. E como ela agora tem mais paciência para a C3 também... acho que é um bocadinho diferente". "De semelhanças... o carinho com que ela fala para a minha filha e está com a minha filha, e a diferença está um bocadinho mais calma, mais presente. Já não trabalha, passa o dia todo com a C3...".(Sara C.)</i>
Mãe como avó	<i>(51) "Muito boa. Muito bom. Às vezes é que ela é assim: "Avó, és um bocadinho chata! Para mim" - Se eu disser sempre a mesma coisa. (...)E digo-lhe assim: "Estou chateada contigo". "Estás avó? Eu estou a brincar contigo." - mas é muito bom, não é? É bonito. Muito bonito".(Maria C.); (52) "(...) É mais calma agora. Mesmo para a C3, nota-se diferença, que ela connosco, o trabalho, o cansaço, pronto; acho que ela está mais calma e com mais paciência. Mais paciência entre aspas, que acho que elas às vezes não tem (...) Mas sempre foi uma boa mãe. E é uma boa avó".</i>

Díade 4: Neste par, a transmissão intergeracional por meio de práticas educativas deu-se através de valores, regras e limites. A maternidade era algo desejado por todos, mas nem por isso sem impacto. Para Sara D. sua mãe ainda não estava preparada para ser avó e sentiu-se muito “velha”. Em decorrência deste facto, não conseguiu dar o apoio espectável à filha nos cuidados com o neto, nos primeiros quatro anos de vida deste. No entanto, este facto está mudando, pois Maria D. demonstra, atualmente, mais interesse em estar com o neto. Diante disto, observa-se que os primeiros anos de maternidade de Sara D. não auxiliaram a resignificação do papel de mãe no quadro da nova experiência como avó pela sua progenitora e tal se refletiu em na própria qualidade do relacionamento mãe-filha.

Tabela 6. Análise de conteúdo da 4.^a díade

Categorias	Subcategorias	Análise de Conteúdo
Gravidez		(53) “E eu, desde o início, aceitei muito bem, apesar de eu julgar ainda no neto, que a filha ainda era pequenina, ainda não tinha consciencializado bem que já era a filha que era a mãe, não é? Que já era uma segunda geração”. (Maria D.); (54) “Acho que, quando ela descobriu que ia ser avó, de repente, sentiu-se assim muito velha”.(Sara D.)
Influencia social e cooperação	Apoio e Cooperação	(55)“Eu vim para o pé da Sara uns tempos antes do bebé nascer (...) E eu também estava com medo que ela estivesse sozinha. O P. ia trabalhar e eu vim para cá para o Porto, uns tempos. (...) Aconteceu estar em (..), o miúdo adoecer, ela precisar de ir para a escola, o meu marido não poder vir, eu vir de autocarro de manhã, para vir tomar conta do neto, para ela ir para a escola. Pronto, isso acontece sempre que for necessário”.(Maria D.); (56) “ Eu tenho a certeza de que se morasse em (..), que os meus pais tinham sido muito mais presentes (...) Já os conhecia o suficiente para saber que eles não iam estar presentes, o quanto eu gostava. (...) os meus pais já tomaram conta do C4, quando o C4 estava doente, para eu não faltar ao trabalho, mas eles nunca ficariam com ele, para eu sair, para ir ao cinema, por exemplo

	Desempenho do papel materno	(57)"(...) <i>uma excelente mãe. Muito preocupada com o filho, a criar regras, não é? Para que ele cumpra rigorosamente, e com respeito pelos outros, com educação, e o miúdo com quatro anos, sabe pedir desculpa, sabe agradecer, sabe pedir com educação qualquer coisa que ele queira; pronto, uma educação muito correcta.(...) agora como mãe e como mulher, e como educadora, como professora, está a cumprir o papel dela.(...)" "(Maria D.)</i>
Transmissão intergeracional	Valores	(58) <i>"Aquele carinho que eu tinha com ela, e ela que vê, e ela continua a dar um carinho muito próximo para o filho,(...) eu acho que a minha filha nunca vai deixar ficar mal os pais. Pela educação que recebeu, pela... pronto, a estrutura dela".(Maria D.); (59) "Nunca procuraram dar-me tudo, mas aquilo que eu precisava para a escola, aquilo que eu precisava para me tornar numa boa pessoa, os exemplos, eu acho que ainda agora eles fazem isso.(...) Em relação, por exemplo, às pessoas mais idosas da família, acho que eles dão um bocadinho o exemplo aos filhos".(Sara D.)</i>
	Práticas educativas	(60) <i>"Eu como mãe, tinha outro comportamento; tinha outro comportamento, tinha que educar a minha filha. Tinha esse papel. Como avó, eu já não sou tão rigorosa, (...) Quando ele faz qualquer tolice, eu até sou mais condescendente. Porque sou a avó. A mãe é que o vai educar.(...) quando tinham algum comportamento menos correcto, ai eu não perdoava, isso não. Chamava logo à atenção, se fosse necessário castigar, "olha, hoje não há televisão, não há brincadeira", isso também fazia".(Maria D.); (61) "Às vezes a mãe ou o pai chamam a atenção: "Não podes fazer isto, não podes fazer aquilo" – ou – "cuidado!" – chamam-no à atenção. (...) a mãe também com ele, e o pai também têm as mesmas exigências, e logo de pequenino, o ensinaram a ter assim um comportamento correcto. Uns comportamentos mais... começam logo de pequeninos, a saber como é que devem comportar-se. (...) eu acho que ela foi uma mãe equilibrada. Em relação ao C4, eu tento ser mais ou menos o... eu tento ser mais ou menos como ela".(Sara D.)</i>
Percepção relacional	Distância e/ou aproximação afectiva	(62) <i>"Ela antes de ser mãe já estava a viver afastada de mim. (...) O facto de ter o filho, o marido, a vida dela, a vida familiar dela, já é diferente; se calhar, não digo afastar, mas já tem, os pensamentos já estão direccionados para outro campo (...) Vou embora, vou desiludida. "Olha, nem falei com ela. Queria falar"(...) É</i>

Dependência e/ou independência	<p><i>assim mais essa sensação, que agora já não é a mesma coisa. Que eles já estão mais a viver a vida deles,(...)" (Maria D.); (63) "(...) o nosso relacionamento assim, não mudou muito.(...) tive sempre uma relação mais próxima com a minha mãe, mas eles eram um bocado exigentes comigo. E, se calhar, acabei, com o tempo, guardar uma certa distância. (...) eu acho que os meus pais têm uma vida muito activa e que – os meus pais fazem muitas viagens, andam de baixo para cima, a minha mãe adora ir às compras; (...) a relação com o neto é boa, mas passam pouco tempo juntos (...)" (Sara D.)</i></p> <p><i>(64) "Só precisaram do pai e da mãe quando o bebé estava doente, teve problemas de dentição, nessa altura tinha temperatura e não podia ir ao infantário, aí precisaram da nossa ajuda. Mas, sem ser nessas ocasiões, eles preparavam, desde o banho".(Maria D.); (65) "E, se calhar, é por causa disso que o C4 não está tanto tempo com os avós. Eles, os meus pais nunca conseguiram deixar de, deixar de viver a vida deles por causa do neto".(Sara D.)</i></p>
Diferenças e semelhanças	<p><i>(66) "Eu estou a ver também que ela está a ser para o filho, como os pais foram para ela. (...) Mas, sei lá, aquele carinho que eu tinha com ela, e ela que vê, e ela continua a dar um carinho muito próximo para o filho, (...) E eu nunca consegui trazer o neto cá para cima. Portanto, ela também está a fazer a mesma coisa, não é? Que nós fazíamos. Eu também não deixava. Não deixava a minha filha com ninguém." (Maria D.); (67) "(...) Em relação ao C4, eu tenho uma... aquele medo que lhe aconteça alguma coisa...(...) depois ponho-me a pensar e acho que, em relação a mim, a minha mãe devia sentir a mesma coisa.(...) e eu acho que como eu tenho muita coisa no meu feitio parecida com a minha mãe, que, que realmente, a relação que eu tenho com o C4, deve ser muito influenciada com a que eu tive com a minha mãe nessa altura(...)" Sara D.)</i></p>
Mãe como avó	<p><i>(68) "Gostava de o ter mais vezes comigo. (...) Mas eu adoro aquele neto, não tenho mais nenhum. Eu a brincar digo-lhe: "És o neto que eu gosto mais." – mas gosto muito dele e ele assim muito meiguinho, muito querido, dá muitos beijinhos, a gente delira com ele.(...) Mas eu, por minha vontade, agarrava-o e levava-o comigo. Assim, desfrutar do neto. Que não consigo." (Maria D.); (69) A minha mãe foi mudando ao longo do tempo, desde que o C4 nasceu, é muito mais afectuosa, agora, e se calhar, até o tipo de afectos que eu vejo agora entre ela e o C4, são</i></p>

muito semelhantes àqueles que eu tenho com o C4.(...) Se calhar, a relação com o neto é boa, mas passam pouco tempo juntos. Se calhar eu estava à espera que eles passassem mais tempo juntos, e que a minha mãe se disponibilizasse mais.”(Sara D.)

Díade 5: Apesar da dinâmica relacional prévia entre mãe e filha ser positiva, a maternidade apresenta-se, nesta díade, como relevante fator de proximidade relacional. Maria E. mudou completamente de vida para dar todo o suporte à filha, acompanhando muito de perto todo o processo de tornar-se mãe. A entrada da terceira geração trouxe algumas alterações na dinâmica familiar, e conseqüentemente, na dinâmica mãe e filha, como maior valorização e proximidade afectiva. A transmissão intergeracional é peculiar neste par, tendo em conta que a primeira e a segunda geração, ocupam-se ativamente da educação e dos cuidados da terceira geração. Isto possibilita em termos de valores, maior probabilidade de perpetuação destes.

Tabela 7. Análise de conteúdo da 5.^a díade

Categorias	Subcategorias	Análise de Conteúdo
Gravidez		<i>(70) "Fiquei muito contente quando ela ficou grávida, disse-lhe sempre "Tu não te aflijas, que eu estou sempre aqui para te ajudar, para te auxiliar para o que for preciso" e foi isso que eu fiz ".(Maria E.); (71) "Isto de ser mãe não foi uma vontade minha. Foi muito complicado quando eu soube que estava grávida. Muito complicado. Eu nunca tive ideia de ter filhos. Embora adore crianças (...) "Porque eu sabia que um filho ia mudar completamente a minha vida, não é?".(Sara E.)</i>
Influencia Social e cooperação	Apoio e cooperação	<i>(72) "Eu sou um monumento, ela encosta-se a dizer "Eu estou segura, posso ir segura, porque a minha mãe está ali, e eu sei que ela está ali; eu posso ir para onde for que ela está presente comigo".(Maria E.); (73) "Acho que só tenho de agradecer-lhe e cada vez mais, pelo que fez por mim e pelo que está a fazer pela neta, sabes? Sem limites. Sem limites de paciência, sem limites de amor, sem limites de nada. É isso"(...) Eu sempre contei com tudo e mais alguma coisa da minha mãe. Eu sempre soube que bastava</i>

		<i>dizer "mãe, eu preciso disto, preciso daquilo", que a minha mãe está lá".(Sara E.)</i>
	Desempenho do papel materno	<i>(74) "A atenção que ela dá à filha. Eu para mim não existe. Eu dava-lhe muita atenção, tanto eu como à família toda, mas ela é muito mãe galinha. Muito mãe galinha. Muito, muito. E é assim que eu tenho a minha filha, que é um espetáculo".(Maria E.); (75) "Tento que ela queira para ela aquilo que dá aos outros, que saiba partilhar as coisas, que tenha uma boa educação, que seja educada com as outras pessoas, que seja atenciosa... tenho muito cuidado entre a relação dela com a minha mãe. Porque eu sou extremamente apegada à minha mãe(...) faço aos outros aquilo que quero que façam a mim e é isso que eu tento passar à C5".(Sara E.)</i>
Transmissão intergeracional	Valores	<i>(76) "Eu vivo muito, por exemplo, enquanto ela mãe e eu avó. Porque ponho-me a olhar uns anos atrás, e a dizer "Olha o que eu fazia e olha o que ela está a fazer" - exactamente igual aquilo que eu fazia. A educação que levastes, para poder transmitir à tua filha aquilo que tu viveste e aquilo que tu estas a dar a viver." E é assim a nossa vida".(Maria E); (77) "Sempre pude contar com a minha mãe e eu quero que a minha filha olhe para mim (?) Sim, eu posso estar com ela nesses momentos, que goste da minha companhia. Sabes? Que goste de partilhar coisas comigo, quando tiver dúvidas que as venha tirar comigo".(Sara E.)</i>
	Práticas educativas	<i>(78) " Embora ela seja mais irrequieta, quer-se dizer, é mais mexida do que a mãe. " (...) Do resto, a educação que eu lhe dei é a mesma que ela dá à filha exactamente. Isso não sai das normas, mas a vida agora também é outra, não é?"(Maria E.); (79) "(...) realmente não me lembro. Mas a ideologia, eu penso que será a mesma. Porque eu lembro-me do carinho que o meu pai e a minha mãe me davam, quando eu era pequena e é isso que nós passamos à C5. Sem bater, fazer compreender as coisas, tentar pôr de castigo(...) agora, quando ela crescer, eu não lhe vou dar tanta liberdade como eu tive. Quase de certeza."(Sara E.)</i>
Percepção relacional	Distância e/ou aproximação afectiva	<i>(80) "Acho que não mudou nada, (...) nunca me largou; o meu genro na mesma. São incansáveis. Eu também não tenho mais que lhe faça. Faço tudo por eles. E acho que não muda. A minha filha é tal e qual como era antes de ser mãe".(Maria E.); (81) " A minha relação com a minha mãe, não vejo que tenha mudado. Embora</i>

	<i>já lhe desse valor, que lhe dou muito valor à minha mãe, a paciência que ela tem comigo, tem imensa".(Sara E.)</i>
Dependência e/ou independência	(82) "Auxiliei-a sempre, como estou a auxilia-la na mesma, porque eu estava na minha casa e vim para aqui para ajuda-la, e outra coisa, que é para eu não estar sozinha, não é?".(Maria E.); (83) "É a minha mãe que trata da casa. Eu não faço nada em casa, basicamente. Não é porque eu não queira fazer, é porque realmente não tenho nada para fazer. A minha mãe limpa a casa, a minha mãe passa a ferro, a minha mãe cozinha, trata da C5".(Sara E.)
Diferenças e semelhanças	(84) "Eu acho que é a mesma coisa, porque eu dou muito carinho à minha neta, e esse carinho transmite-me aquilo que eu dava à minha filha. aquilo que eu fazia à minha filha, fazia agora à minha neta".(Maria E.); (85) "Passei por algumas fases difíceis. E a única coisa que a minha mãe fez, foi estar a meu lado, a dar apoio, e "eu estou aqui para aquilo que precisares. Qualquer coisa" – sabes?" (Sara E.)
Mãe como avó	"Foi a maior alegria do mundo para mim. Que ia ser avó e que era a coisa que eu mais queria".(Maria E.); (86) "Extremamente atenciosa. Extremamente carinhosa. Muito paciente. Se calhar coisa que na altura, penso eu, não terá tido comigo, porque lá está, não tinha tempo".(Sara E.)

7.2 Resultados da comparação interdiáde

A partir da organização e análise do conteúdo das respostas foram propostas as categorias e subcategorias a serem discutidas neste tópico.

7.1.1 Gravidez

A gravidez apareceu como um momento impactante no relacionamento entre mãe e filha. De um modo geral, todas as díades trouxeram a gravidez como algo positivo e gerador de proximidade entre a primeira e a segunda geração. Entretanto, três dos cinco pares não estavam à espera da gravidez e referiram num primeiro momento, a presença de conflitos intrapsíquicos, fortemente associados à questão de reavaliação de papéis, como podemos observar na díade 1 (cf. excerto 2, tabela 3), na díade 2

(cf. excertos 18 e 19, tabela 4), e na díade 4 (cf. excertos 53 e 54, tabela 6). Para essas participantes, constatar a gravidez da mulher de segunda geração é também aceitar o crescimento e amadurecimento da mulher de segunda geração, bem como o envelhecimento da mulher de primeira geração, criando algumas resistências. Para Colarusso (1997) e Kipper (2004) a constatação e a aceitação da realidade da ação do tempo sobre o corpo, podem surgir no momento da gravidez, seja na resistência em consentir com o crescimento da filha ou na resistência incutidas em dimensões emocionais do ser avó ligada a uma representação social negativa como sinônimo de velhice.

7.1.2 *Influência social e cooperação*

Apoio e cooperação: O apoio e cooperação apareceram como pontos positivos entre as díades. Todas as avós relatam ter dado infindo apoio às suas filhas, principalmente na gravidez, provendo recursos financeiros e moradia (quando necessário) além de carinho e atenção. Verifica-se ainda, que este apoio perdurou após o nascimento de seus/suas netos(as) e na atualidade através do cuidado e atenção que lhes dispensam. Conforme podemos verificar nos relatos da díade 1 (cf. excerto 3 e 4, tabela 3) e díade 5 (cf. excerto 72 e 73, tabela 7).

Nas entrevistas constatamos que a avó materna é a principal fonte de apoio às suas filhas no momento do tornar-se mãe, indo ao encontro de pesquisas como as de Dessen e Braz (2000) que mencionam a avó materna como a segunda fonte de apoio à mulher no momento da maternidade, estando atrás apenas do esposo, apoiando-as na hora do parto, no pós-parto, colaborando nos cuidados com o bebê, na educação e criação da criança e com recursos financeiros.

No entanto, a percepção do apoio oferecido está, inevitavelmente, associado ao grau de satisfação do indivíduo frente às suas necessidades

(Procidano & Heller, 1983 citado em Baptista, Cardoso & Gomes, 2012). Para a Sara D., o apoio prestado pela sua mãe em alguns momentos durante a gravidez e pós parto é um facto inegável, mas, suas expectativas relativamente aos cuidados do filho frente a qualquer tipo de situação, não refletem a realidade vivida, uma vez que sua mãe oferece este tipo de apoio somente em momentos de extrema necessidade, causando divergência nesta díade, já que na perspectiva de Maria D. relata que esgota todas as possibilidades de apoio e contribuição nos cuidados com o neto (cf. excerto 55 e 56, tabela 6).

Desempenho do papel materno: As mulheres de primeira geração, em sua totalidade, avaliam suas filhas como boas mães. Expressões como “ Mãe Galinha” (cf. excerto 75, tabela 7); “Mãe Cem Porcento” (cf. excerto 39, tabela 5); e “Excelente Mãe” (cf. excerto 57, tabela 6), mesmo nos casos em que a gravidez não era espectável, se fizeram presentes. Isto também se evidencia na percepção das mulheres de segunda geração, que igualmente salientam a qualidade do seu papel materno. (cf. excerto 76, tabela 7).

7.1.3 *Transmissão intergeracional*

Comportamentos e valores: As filhas vêm com bons olhos os valores apreendidos. Quatro delas procuram preservá-los e transmiti-los aos(as) filhos(as) através das atitudes cotidianas tais como respeito ao próximo, estima e cuidado com os pertences, conforme observamos nos relatos da díade 4 (cf. excerto 58 e 59, tabela 6), bem como nos estudos (Carvalho & Almeida, 2003; Baptista, Cardoso & Gomes, 2012), onde se demonstra que a transmissão da herança familiar perpassa gerações. Cabe aos pais ensinar aos filhos(as), os valores éticos e culturais, as regras, os papéis e crenças, para que um dia, estes também sejam repassados a uma nova geração.

Todas as avós acreditam que esta transmissão da herança familiar se está a efetivar. Maria B. salienta que apesar de ter sido criticada pela filha quando criança, hoje a filha enfatiza ao marido que suas aprendizagens serão a base para a formação de sua filha, mas com a ciência de que os valores paternos terão contributos (cf. excerto 24 e 25, tabela 4). Para Kemp (2007, citado em Dias et al., 2011, p.91) "isto denota a cultura de variabilidade, que se caracteriza pela permanência de valores das antigas gerações e o acréscimo de novos trazidos pelas seguintes".

Práticas Educativas: É natural procurar em sua própria história um modelo de mãe (Canavarro, 2001; Baptista, Cardoso & Gomes, 2012) o que, inevitavelmente, traz pontos de convergência e divergência do modelo materno conforme verifica-se nas entrevistas. De uma forma geral, as práticas educativas não são as mesmas, existe sim alguns pontos de convergência no que diz respeito à essência da boa educação, mas a forma de educar dá-se de maneira diferente de acordo com as falas da díade 5 (cf. excerto 78 e 79, tabela 7). Estão associados a este facto a disparidade do momento histórico de vida, necessidade dos pais em aprimorar alguns comportamentos avaliados como negativos na sua própria educação, contrapontos entre os estilos parentais maternos e paternos, entre outros. (Baptista, Cardoso & Gomes, 2012).

7.1.4 *Percepção relacional*

"*Distância e/ou aproximação afectiva*": Movimentos de distanciamento e aproximação ao longo do tempo são um processo comum na relação entre mãe e filha. (Shaw & Magnuson, 2004, citado em Dornelas & Garcia, 2006). Neste estudo percebemos que a maternidade das filhas, em duas díades, não se fez acompanhar de mudanças significativas. Na díade 4 a maternidade não gerou aproximação entre mãe e filha. Já na díade 5 a

proximidade relacional permaneceu grande, sem nenhuma mudança representativa. Contudo, três das cinco díades apontam para uma resignificação relacional. A díade 1 (cf. excerto 10 e 11, tabela 3), díade 2 (cf. excerto 28 e 29, tabela 4) e díade 3 (cf. excerto 45 e 46, tabela 5) referem que a maternidade teve como consequência uma maior união mãe e filha, união esta que se tornou possível através da valorização das perspectivas do outro, gerando espaço de diálogo e momentos de afectividade.

Como vimos em outros tópicos desta pesquisa, o casamento ou o nascimento de uma criança traz transformações na família. A reorganização familiar a níveis positivos faz a jovem mãe amadurecer e assumir um novo papel parental. A mãe, por sua vez ao perceber a mudança e aceitar essa evolução da filha, dando-lhe autonomia, inicia um processo de separação-individualização intrapsíquico. O processo de redefinição de representações intrapsíquicas, redefine as posições de cada uma das gerações e desenvolve novos vínculos de proximidade entre mãe e filha. (Carusso, 1990; 1997; 2000). No caso da terceira, aparentemente, este processo ainda não foi concluído. Maria C. em suas falas demonstra dificuldade em aceitar as novas responsabilidades da filha, sentindo-se preterida em função atenção que Sara C. precisa dar a filha (cf. excerto 46, tabela 5).

Dependência e/ou independência: Três das cinco díades destacam a dependência financeira e o suporte nos cuidados dos filhos(as) como algo necessário, nas atuais circunstâncias de vida. (cf. excerto 30 e 31, tabela 4; cf. excerto 47 e 48, tabela 5; cf. excerto 83, tabela 7). Segundo Nascimento e Coimbra (2001/2002, p. 95) " Ser pai/mãe e, ao mesmo tempo, trabalhar corresponde a uma circunstância de vida cada vez mais experimentada pela maioria dos indivíduos". Deste modo, os pais da actualidade, demandam suporte permanente dos avós (Sampaio, 2008).

Contudo, outros fatores também podem contribuir para a questão da dependência, como o desejo da mãe em continuar a ser a fonte de apoio para a sua filha, assim como, o desejo da filha de manter-se sob a proteção materna (Kabat, 1998, citado em Dornelas & Garcia, 2006). Na díade 5 estes fatores evidenciam-se através da dificuldade de Sara E. em assumir as responsabilidades inerentes a maternidade e ao casamento, associado ao desejo de Maria E. em evitar a solidão sob o pretexto de cuidar da filha (cf. excerto 82, tabela 7).

Diferenças e semelhanças: Em sua generalidade as diferenças surgem ligadas aos comportamentos e as semelhanças ao afeto. As mulheres de segunda geração evidenciam que o afeto e o amor de suas mães para com seus(uas) próprios filhos(as) assemelham-se muito ao recebido por elas mesmas em sua infância. Entretanto, salientam que os comportamentos são divergentes no que se refere a limites e regras. Sara A. informa que impõem mais regras ao filho do que a mãe impunha a ela (cf. excerto 15, tabela 3).

Mãe como avó: Os relatos das díades denotam que as avós priorizam o desempenho do papel de avó, ao valorizarem as experiências afectivas com as crianças, seja na hora das brincadeiras ou na hora de prestar os cuidados como higiene e alimentação, em detrimento de outros eventuais papéis que também se demonstrem espectáveis por parte das filhas, como por exemplo o de educadoras. Segundo Kipper (2004) e Sampaio (2008) ao perceber quais são as características específicas do ser avó, ao abster-se da criação do(a) neto(a), as avós conseguem usufruir de momentos de afeto e de transmissão da história familiar (Sampaio, 2008).

7.3 Síntese dos principais resultados

Diante das questões de partida e dos factos aqui apresentados, retira-se que a experiência de maternidade em mulheres primíparas não se dá sem impactos na relação mãe-filha, em linha com as pesquisas de Canavarro (2001), Carusso (1990; 1997; 2000), Dornelas e Garcia (2006) e Falceto e Waldemar (2009), que versam sobre a dinâmica relacional pós maternidade.

De igual forma, a transmissão intergeracional de valores está associada a sentimentos positivos relativamente às diferentes vivências e tem reflexo na qualidade da relação mãe-filha. O discurso das participantes é revelador de que certos valores, tais como o respeito, estima e valorização dos bens, assim como o afeto, entraram na cadeia de transmissão intergeracional já na geração precedente, e parecem estar a ser veiculados na educação da terceira geração. Apesar disso, referem ainda, a existência de descontinuidades nas práticas educativas propriamente ditas, por variados motivos, nomeadamente necessidade de aprimoramento das antigas práticas vivenciadas. Em suma, as participantes, em sua generalidade, associam como contributos significativos para o desempenho do papel materno de segunda geração, as experiências afectivas proporcionadas pela primeira geração.

O amadurecimento, autonomia e assunção de novos papéis, necessário neste período particular de vida, também parecem contribuir para a natureza das dinâmicas relacionais na "resignificação" da relação mãe-filha, gerando maior proximidade entre os dois elementos da díade.

Por um lado, as mulheres de segunda geração valorizam a figura materna de primeira geração, pelo reconhecimento do seu papel como mãe. Reciprocamente, as mulheres de primeira geração, também olham as filhas de uma outra forma, reconhecendo o seu amadurecimento, em termos psicológicos e comportamentais. Dito isto, retira-se deste estudo

que o impacto mais significativo na relação mãe- filha, após a maternidade da segunda geração, deu-se sobretudo, em termos de comunicação de qualidade, de maior confiança, de aprofundamento da intimidade e da cumplicidade mãe-filha.

Em geral, os apoios prestados pela primeira geração à segunda geração, associam-se a praticamente todos os aspectos de vida das mulheres da primeira geração, estejam eles relacionados ou não com o desempenho do papel materno. Deste modo, o apoio da figura materna é visto pelas filhas como incondicional e incansável, sendo feita referência ao apoio financeiro e instrumental mas, destacando-se sobretudo, o sentimento de satisfação das participantes da segunda geração, com a disponibilidade e proximidade física e emocional constante das suas mães, no período pós maternidade.

8. Conclusões e limitações do estudo

A presente investigação trouxe-nos uma clarificação acrescida ao tema. O tornar-se mãe, é, seguramente, um momento de reatualização psíquica para a mulher. A história pessoal, o relacionamento familiar e, principalmente, suas vivências enquanto filha, são essenciais para o modo como cada mulher irá construir sua forma de ser mãe, bem como, irá reconstruir ou remodelar sua relação com a sua própria mãe.

Historicamente percebe-se que o amor maternal se deu através de construções sociais e simbólicas, deixando um pouco à margem a perspectiva mais biológica de instinto maternal. Neste sentido, a literatura psicológica apresenta importantes contributos sobre aspectos intrapsíquicos e transmissão intergeracional na maternidade.

Parece-nos assim, que mesmo tendo em conta o carácter exploratório deste estudo, restrito a um pequeno número de participantes, algumas evidências, na sua generalidade, foram extraídas. É notório que a experiência de maternidade em mulheres primíparas tem reflexo na qualidade da relação mãe-filha, quando associada a experiências afectivas positivas, gerando proximidade relacional e transmissão intergeracional, principalmente no que se refere a valores e cuidados parentais.

Mas não obstante estes contributos do estudo, ele não é isento de limitações. A primeira limitação experienciada na presente pesquisa, foi a escassez de amplitude de suporte bibliográfico que verse com profundidade sobre as especificidades da relação mãe e filha adulta no contexto específico do envolvimento em novos papéis da existência como, respetivamente, o de avó e de mãe.

Mesmo tendo por base que este estudo tem um carácter exploratório e de não existir a pretensão de generalização de resultados em virtude da opção metodológica, não deixa isto, contudo, de constituir em si, uma limitação.

Esta pesquisa teve como foco central a transformação na qualidade da relação mãe-filha por via da maternidade. No entanto, outros estudos que pretendam dar continuidade a este tema com mais profundidade, poderão incluir a terceira geração como uma mais-valia, estudando de que forma esta se relaciona com a primeira e segunda gerações; ou através da realização de um estudo longitudinal, compreender se há mudanças na qualidade da relação mãe-filha em etapas desenvolvimentais posteriores, especificamente, noutros momentos da infância e mesmo da adolescência, da 3.^a geração.

Tendo em conta que as questões que permeiam este tema estão ligadas diretamente com as dinâmicas familiares intergeracionais, também poderia ser interessante tentar compreender estes processos e percepções a partir de uma perspectiva masculina, envolvendo assim, no estudo, homens da primeira geração e da segunda geração. Este mesmo estudo, decerto, ter-se-ia tornado mais completo, se tivesse sido possível contemplar o sistema parental da segunda geração na íntegra e apreciar alterações na dinâmica relacional pai-filho, considerando também o ponto de vista dos companheiros (e respetivos pais) das mulheres participantes.

Referências bibliográficas

- Ainsworth, M. (1991). Attachments and other affectional bonds across the life cycle. In C. M. Parkers, J. Stevenson-Hindle & P. Marris (Eds.), Attachment across the life cycle. (pp. 33-51). London: Routledge.
- Almeida, A. N. (Org). (2004). Fecundidade e Contracepção. Percursos de Saúde Reprodutiva das Mulheres Portuguesas. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais.
- Almeida, L. S. & Freire, T. (2008) Metodologia da Investigação em Psicologia e Educação. (7ª ed.). Braga: Psiquilíbrios Edições.
- André, S. (1998). O que quer uma mulher? Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Alves, S. M. M. Cuidar ou Ser Responsável? Uma análise sobre a intergeracionalidade na relação avós e netos. Fortaleza: UEC.
- Ariés, P. & Duby, G. (1990). História da Vida Privada: Da revolução à grande guerra. (Vol. 4). Edições Afrontamento.
- Ariés, P. (2011). História Social da Criança e da Família. Rio de Janeiro: LTC.
- Badinter, E. (2000). O Amor Incerto: História do amor maternal: (Do século XVII ao século XX). Lisboa: Relógio D'água editores Ltda.
- Baptista, M. N., Cardoso, H. F. & Gomes, J. O. (2012). Intergeracionalidade familiar. In Baptista, M. N. & Teodoro, M. L. M. (Orgs) Psicologia de Família: Teoria, avaliação e intervenção. (pp. 16-26). Porto Alegre: Artmed.
- Bardin, L. (1988). Análise de Conteúdo. Lisboa: Edições 70.

- Barros, A. J. S. (2000). Fundamentos de Metodologia Científica. (2ª ed.). São Paulo: Pearson Education do Brasil.
- Bassof, E. (1991). Mães e Filhas: a arte de crescer e aprender a ser mulher. São Paulo: Saraiva.
- Bowlby, J. (1978). Attachment and Loss: Attachment. (Vol. 1). New York: Basic Books.
- Bowlby, J. (2006). Cuidados Maternos e Saúde Mental. (5ª ed.). São Paulo: Martins Fontes.
- Canavarro, M. C. (1999). Relações Afectivas e Saúde Mental. Coimbra: Quarteto.
- Canavarro, M. C. (2001). Psicologia da Gravidez e da Maternidade. Coimbra: Quarteto.
- Carrilho, J. M. & Patrício, L. (2010). Situação Demográfica Recente em Portugal. Revista Estudos Demográficos, 48, 101-145.
- Carusso, A.C. (1997) Separation-individuation process in middle adulthood: the fourth individuation. In Akhtar, S. & Kramer, S. (Orgs). The Seasons of Life: Separation-Individuation Perspectives. Northvale: Jason Aronson. (pp. 73-94).
- Costa, J.F.F. (2003). Relação Mãe-Filha, Feminilidade e Gravidez. Brasília: UniCeub.

Corso, D. L. & Corso, M. (2006). *Fadas no Divã: Psicanálise nas histórias infantis*. Porto Alegre: Artmed.

Dessen, M.A. & Braz, M.P. (2000). Rede Social de Apoio Durante Transmissões Familiares Decorrentes do Nascimento de Filhos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 16, 221-231.

Dias, A. C. G. & Lopes, R. C. S. (2003). Representações de maternidade de mães jovens e suas mães. *Psicologia em Estudo*, 8, 63-73.

Dias, C. M. S. B. (1994). A Importância dos Avós no Contexto Familiar. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 10(1), pp. 31-40.

Dias, C.M. S. B., et al. (2011). As relações entre as gerações nas famílias chefiadas por idosos. In Féres-Carneiro, T. *Casal e Família: Conjugalidade, parentalidade e psicoterapia*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Dolto, F. (1996). *O jogo do desejo*. São Paulo: Ática.

Dornelas, K.C. A. & Garcia, A. (2006). A relação entre mãe e filha adulta: Um estudo descritivo. In *Interação em Psicologia*, 10(2), p. 333-344.

Felice, E. M. (2007). Transformação e "cura" através da experiência de ser mãe. *Psyquê*, 21, 145-159.

Figueiredo, A. M. & Souza, S. R. G. (2011). *Como elaborar projectos, monografias, dissertações e teses: da redacção científica à apresentação do texto final*. (4ª ed.). Rio de Janeiro: Lumen Juris.

- Freud, S. (1895). Estudos sobre a histeria. In S. Freud, (1996). Edições Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. (Vol. 2, pp. 39-319). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In S. Freud, (1996). Edições Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. (Vol. 7, pp. 117-232). Rio de Janeiro: Imago.
- Goldfarb, D.C., Lopes, R. G. C. (2006). Avosidade: a família e a transmissão psíquica entre gerações. In: Freitas, E. V. (Org.) Tratado de Geriatria e Gerontologia. Rio de Janeiro: Guanabara, pp. 1374-1382.
- Guedeney, A. (2004). A teoria da vinculação: A história e as personagens. In. Guedeney, N. & Guedeney, A. (Orgs.). Vinculação: Conceitos e aplicações. (pp.25-31). Lisboa: Climepsi Editores.
- Gutierrez, D. M. D., Castro, E. H. B. & Pontes, K. D. S. (2011). Vínculo Mãe-Filho: Reflexões históricas e conceituais à luz da psicanálise e da transmissão psíquica entre gerações. Revista do Nufen, 1, 3-24.
- Kalmijn, M. & De Vries, J. (2009). Change and stability in parent-child contact in five western countries. European Journal of Population, 25, 257-276.
- Kehl, M. R. (1996). A Mínima Diferença: Masculino e feminino na cultura. Rio de Janeiro: Imago.
- Kehl, M. R. (1998). Deslocamentos do Feminino: A mulher freudiana na passagem para modernidade. Rio de Janeiro: Imago Editora.
- Kipper, C. D. R. (2004). O Tornar-se Avó no Processo de Individuação. Porto Alegre: UFRGS.

Klaus, M. H., Kennell, J. H. & Klaus, P. H. (2000). Vínculo: Construindo as bases para um apego seguro e para a independência. Porto Alegre: Artes Médicas.

Lacan, J. (1964). Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. In J. Lacan, (1998). O seminário, livro 11. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

L'Écuyer, R. (1990). Methodologie de l'analyse développementale de contenu-métode GPS et concept de soi. Québec: Presses de L'Université du Québec.

Luescher, K. & Pillemer, K. (1998). Intergerational Ambivalence: a new approach to the study of parent-child relations in later life. Journal of Marriage and the Family, 60 (2), pp.413-425.

Main, M. & Goldwyn, R. (1994). Adult attachment scoring and classification system. Unpublished classification manual. University of California at Berkeley. Department of Psychology.

Main, M., Kaplan, N. & Cassidy, J. (1985). Security in infancy, childhood and adulthood: A move to the level of representation. In I. Bretherton & E. Waters (Eds.). Growing Points in Attachment, Monograph of the Society for Research in Child Development, 50, 66-104.

Mucchielli, A. (1991). Les Méthodes Qualitatives. Paris: PUF.

Nader, M.B. (1997). Mulher: Do destino biológico ao destino social. Vitória: EDUFES.

- Nascimento, I. & Coimbra, J.L. (2001/2002). As Lições da Experiência: A relação pais-filhos e a transmissão intergeracional do significado do trabalho e da parentalidade. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 17-18, 95-107.
- Ocariz, M.C. (2002). Feminidade e função materna. In S. L. Alonso, A. C. Gurfinkel, D. M. Breyton (Orgs.) *Figuras Clínicas do Feminino no Mal-estar Contemporâneo*. (pp. 277-287). São Paulo: Escuta.
- Ocariz, M. C. (2004). A função materna na constituição e sexuação do sujeito. *Textura*, 4(4), 25-29.
- Pinto, K. L. B. et al. (2014). Avosidade x Maternidade: a avó como suporte parental na adolescência. *Pisco-USP, Bragança Paulista*, 19 (1), 37-47.
- Portugal, G. (2009). Desenvolvimento e aprendizagem na infância. In. *Relatório do Estudo: A educação das crianças dos 0 aos 12 anos*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Ramalho, R. M. (2005). O que elas falam deles. In *Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre: A Masculidade*. Porto Alegre: APPOA, 28, 23-30.
- Richardson, J. (1989). *Pesquisa Social: métodos e técnicas*. São Paulo: ATLAS.
- Rousseau, J. J. (1973). *Emílio ou da educação*. (2ª ed.). São Paulo: Difusão Européia do Livro.
- Sampaio, D. (2008). *A razão dos Avós*. (3ª ed.). Caminho.

Silverstein, M. & Yang, F. (2006). Intergenerational support to ageing parents. *Journal of Family Issues*, 27, 1068-1084.

Singly, F. (2011). *Sociologia da família contemporânea*. Lisboa: Edições Texto & Grafia.

Soares, I. (1996). Vinculação: Questões teóricas, investigação e implicações clínicas. *Revista Portuguesa de Pedopsiquiatria*, 11, 35-71.

Spitz, R. (1998). *O primeiro ano de vida*. (2ª ed.). São Paulo: Martins Fontes.

Spitz, R. (1984). *O sim e o não: a gênese da comunicação humana*. (2ª ed.). São Paulo: Martins Fontes.

Soulé, M. (1987). O filho da cabeça, o filho imaginário. In T. Brazelton, B. Cramer, L. Kreisler, R. Shappi, M. Soulé (Orgs.), *A Dinâmica do Bebê*. (pp. 132-170). Porto Alegre: Artes Médicas.

Winnicott, D. W. (2000). *Da Pediatria à Psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago.

Winnicott, D. W. (2001). *A Família e o Desenvolvimento Individual*. (2ª ed.). São Paulo: Martins Fontes.

Zalberg, M. (2003). *A Relação Mãe e Filha*. (2ª ed.) Rio de Janeiro: Campus.

ANEXOS

ANEXOS I

Termo de Consentimento Informado

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

“Transformações na qualidade da relação mãe-filha aquando da assunção do papel materno pelas mulheres de 2.^a geração”

Eu, _____ fui informada de que o estudo acima mencionado, destina-se a compreender o impacto da experiência de maternidade na relação mãe-filha em mulheres que são mães pela primeira vez.

Sei que neste estudo está prevista a realização de uma entrevista semi-estruturada, tendo-me sido explicado: (1) os objetivos do mesmo; (2) a necessidade da gravação em áudio dos meus relatos, bem como, a possibilidade de solicitar cópia da gravação, caso a deseje; (3) o tempo que terei de despendar para dele participar, dentro é claro, de prévia marcação de data, hora e local; (4) e garantindo-me confidencialidade de todos os dados recolhidos.

Sei que posso recusar-me a participar ou interromper a qualquer momento a participação no estudo, sem nenhum tipo de penalização.

Compreendi as informações que me foram dadas e, tive oportunidade de fazer perguntas e as minhas dúvidas foram esclarecidas. Deste modo, aceito participar de livre vontade no estudo acima mencionado.

Concordo em participar no estudo que me foi apresentado nas condições das quais fui adequadamente informada.	Sim (<input type="checkbox"/>) Não (<input type="checkbox"/>)
Autorizo a divulgação dos resultados obtidos neste estudo junto da comunidade científica, desde que seja observado o princípio da confidencialidade dos dados que me dizem respeito.	Sim (<input type="checkbox"/>) Não (<input type="checkbox"/>)

Professores Responsáveis pela Pesquisa,
Orientadora: Prof.^a Doutora Inês Nascimento
Co-orientador: Prof. Doutor Pedro Ferreira

Investigadora Responsável,

Participante,

Lígia Hamada
ligia_hamada@hotmail.com

(Assinatura)

Porto, _____, 20__.

ANEXOS II

Guião de Entrevista Semi-estruturada às Mães da 1.^a Geração

GUIÃO DE ENTREVISTA 1.ª GERAÇÃO

Esta pesquisa, orientada pela Professora Doutora Inês Nascimento e Co-orientada pelo Professor Doutor Pedro Ferreira, intitulada de **“Transformações na qualidade da relação mãe-filha aquando da assunção do papel materno pelas mulheres de segunda geração”**, tem como objetivo compreender o impacto da experiência de maternidade na relação mãe-filha em mulheres que são mães pela 1.ª vez. É garantida a confidencialidade das respostas dadas na entrevista. A participante pode recusar-se a participar ou interromper a qualquer momento a participação no estudo, sem nenhum tipo de penalização.

Nome _____

Idade _____ Habilitações Literárias _____

Estado Civil _____ Estatuto Ocupacional _____

Local _____

Tempo de Entrevista ____ h ____ min. ____ seg.

1. Como está a ser para você acompanhar a experiência de maternidade de sua filha?
2. De que forma a educação que seu (sua) neto(a) recebe faz-lhe lembrar (recordar) a que dava à sua filha?
3. Na sua opinião, quais os aspectos do seu comportamento materno foram significativos para o desempenho do papel materno pela sua filha?
4. O que mudou na forma como se relaciona com sua filha depois de ela também se ter tornado mãe?
5. Em que aspetos você gostaria de ter contribuído mais para que sua filha estivesse mais preparada para o papel de mãe?
6. Qual a sua opinião sobre a sua filha enquanto mãe?
7. O que é que está diferente na visão que tem da sua filha hoje?

8. Em que medida considera que a sua filha, ao ser mãe, passou a compreender melhor algumas das suas atitudes e comportamentos em relação a ela? Quais? De que forma?
9. Que tipo de apoio antecipava dar à sua filha um dia que ela própria fosse mãe?
 - 9a. Em que tipo de coisas considera que está a apoiá-la?
 - 9b. Em que medida acha que está a corresponder às expectativas que ela tinha/tem em relação a si nessa área?
10. Como é que se descreve enquanto avó?
11. Quando compara a mãe que foi na infância da sua filha e a avó que o/a seu/sua neta tem hoje, quais as principais diferenças e semelhanças que encontra em si (na sua forma de estar e de pensar, no seu comportamento)? Na sua opinião, a que se devem?

ANEXOS III

Guião de Entrevista Semi-estruturada às Mães da 2.^a Geração

GUIÃO DE ENTREVISTA 2.ª GERAÇÃO

Esta pesquisa, orientada pela Professora Doutora Inês Nascimento e Co-orientada pelo Professor Doutor Pedro Ferreira, intitulada de **“Transformações na qualidade da relação mãe-filha aquando da assunção do papel materno pelas mulheres de segunda geração”**, tem como objetivo compreender o impacto da experiência de maternidade na relação mãe-filha em mulheres que são mães pela 1.ª vez. É garantida a confidencialidade das respostas dadas na entrevista. A participante pode recusar-se a participar ou interromper a qualquer momento a participação no estudo, sem nenhum tipo de penalização.

Nome _____

Idade _____ Habilitações Literárias _____

Estado Civil _____ Estatuto Ocupacional _____

Local _____

Tempo de Entrevista _____h _____min. _____seg.

1. De uma maneira geral, que tipo de comportamentos acredita terem sido importantes contributos, para o desempenho do papel materno por si?
2. De que forma a educação que seu (sua) filho(a) recebe faz-lhe lembrar (recordar) a que você recebeu?
3. Após se ter tornado mãe, quais as atitudes da sua mãe que você considera:
 - 3a. Importantes a ponto de procurar repeti-las com seu (sua) filho(a)?
 - 3b. Ruins e/ou não tão boas a ponto de procurar não repeti-las com seu (sua) filho(a)?
4. O que mudou na forma como se relaciona com a sua mãe depois de também se ter tornado mãe?
5. Quais as atitudes maternas da sua mãe que, antes de você ser mãe não entendia, e agora consegue compreender?

6. De que forma as lembranças dessas atitudes maternas, influenciam hoje a sua relação com seu (sua) filho(a)?
7. Qual a sua opinião sobre a sua mãe enquanto mãe?
8. O que é que está diferente na visão que tem da sua mãe hoje?
9. Que tipo de apoio contava que a sua mãe lhe desse quando você própria viesse a ser mãe?
 - 9a. Em que medida a sua mãe correspondeu/está a corresponder à sua expectativa?
 - 9b. Em que tipo de coisas a sua mãe a apoia?
10. Como é que descreve a sua mãe enquanto avó?
11. Quando compara a mãe que teve na sua infância e a avó que o/a seu/sua filho/a tem hoje, quais as diferenças e semelhanças que encontra? Na sua opinião, a que se devem?